

Tradução de EURICO FERNANDES
segundo o original revisto pelo Autor

Capa de TOSSAN

ARTHUR MILLER

DEPOIS DA QUEDA

Versão representada por
The Lincoln Center Repertory Company

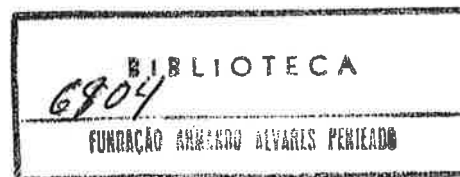
Título original:

AFTER THE FALL

© by Arthur Miller, 1964

Reservados os direitos para Portugal

R



PORTUGALIA EDITORA

DEPÓSITO DA QUEDA

100:0093	100:0093	100:0093	100:0093
100:0093	100:0093	100:0093	100:0093
100:0093	100:0093	100:0093	100:0093
100:0093	100:0093	100:0093	100:0093

FAAB. 27
27.5.1972
8,00

PERSONAGENS

QUENTIN
FELICE
DAN
NURSE
PAI (IKE)
HOLGA
MAE
ELSIE
LOU
MICKEY
MAGGIE
LUCAS
CARRIE

Harley Barnes, secretário, enfermeiras, figurantes, transeuntes e um grupo de rapazes.

PRIMEIRO ACTO

A acção passa-se na mente, pensamento e memória de Quentin.

Além de uma cadeira, não há mobiliário convencional, nem paredes, nem limites definidos.

O proscénio consiste em três planos ascendentes para o fundo, atravessando o palco em curva, de lado a lado. Uma torre de pedra, bombardeada, dum campo de concentração alemão domina o palco. As suas largas vigias são como olhos que, de momento, parecem cegos e escuros, com grades reforçadas a saírem como tentáculos partidos.

Nos dois planos inferiores há áreas esculpidas; o efeito geral é neolítico, vulcânico, geografia subtil em que as cenas se passam como em buracos e cavidades de lava. A mente não tem cor, mas as recordações sobressaem no cinzento da sua paisagem. Quando alguém se sentar, fá-lo-á num dos degraus, arestas, ou socalcos. Uma cena pode começar numa área restrita, mas alastrar ou inundar o palco inteiro, submergindo qualquer outra área.

As pessoas aparecem e desaparecem instantaneamente, como no espírito; mas não precisam de sair do palco. O diálogo indicará claramente quem está «vivo» e à espera, em todos os momentos.

O efeito será, portanto, o aparecimento, o desaparecimento do espírito em demanda das suas próprias superfícies e profundidades.

O palco está às escuras. Há agora a impressão de uma figura se ter movido ao fundo, ouve-se um passo, depois outros. A medida que a luz desliza, as treze pessoas na peça deslocam-se ao acaso abaixo da plataforma do fundo. Outras descem o palco, aparentemente conhecem-se, e ainda outras vem-se sósinhas e totalmente afastadas; em resumo, uma sequência de movimentos completamente casual, num ritmo lento mas não de sonho. Um deles, Quentim, um homem de quarenta anos, sai desta massa de gente e aproxima-se da cadeira que está em frente do auditório. Uma luz vibrante ilumina-o agora. Todo o movimento se suspende. Quentim dirige-se ao Auditor, sobranceiro às costas da cadeira, o qual, se pudesse ser visto, estaria sentido precisamente à beira do palco.

QUENTIM: Olá! Que bom voltar a ver-te! Eu estou bem. Só queria cumprimentar-te. Obrigado.

Senta-se, ao ser convidado. Curta pausa.

Aliás, telefoniei-te esta manhã de improviso; tenho uma decisão a tomar. Sabes... anda-se meses à volta duma coisa e de repente, ela aí está, e...

Interrompido, volta-se, surpreso, para o Auditor.

deixei a firma, não te escrevi sobre isso? Não? Estava convencido de que tinha escrito. Há uns catorze meses; umas semanas depois de Maggie ter morrido.

Maggie move-se na segunda plataforma.

ponho-me à janela.

Sorri.

Acabei por já não poder concentrar-me no trabalho; sentia que estava meramente à mercê do meu próprio êxito. Se bem que de facto pense, por vezes, se não estou simplesmente a tentar destruir-me. Bem, retirei-me do que se diz ser uma carreira importante. Não é grande coisa, acho eu; ainda vivo no hotel, vejo pessoas, leio imenso,

Outra vez interrompido, parece surpreso.

Meu Deus, escrevi-te sobre isto, não? Se calhar sou-nho com estas cartas. A mãe morreu. Há quatro...

Ouve-se por trás dele o barulho de um avião.

faz agora cinco meses. Sim, de repente; nessa altura estava na Alemanha e... é uma das coisas de que queria

Hoiga aparece na plataforma superior à procura dele.

falar-te. Eu... encontrei lá uma mulher.

Ele sorri.

Aliás, ela chega esta noite, para uma conferência em Columbia... é arqueóloga. Não sei se a quero

perder, sabes, e no entanto é indecoroso pensar em comprometer-me de novo. Sim, está bem, mas vê a minha vida. Uma vida é evidência, e eu tenho dois divórcios no meu passivo.

Volta-se para olhar Holga.

Digo-te francamente, tenho um certo receio... Bem, das pessoas e das coisas que ela vai encontrar. Estou atrapalhado, não sei o que pensar de mim. A noite passada, por exemplo, encontrei uma rapariga na rua...

FELICE (*que entrou*): Lembras-te de mim, não? Há dois anos no teu escritório, quando fizeste o meu marido assinar os papéis do divórcio.

QUENTIN: Não sei porque falo nela; talvez por ela estar tão cheia de esperanças...

FELICE: Sempre quis dizer-te isto — mudaste a minha vida!

QUENTIN: Há qualquer coisa naquela rapariga que me perturba.

FELICE: Sabes, o meu marido era sempre tão criangola a sós comigo... mas a maneira como lhe falaste fê-lo agir tão dignamente... quase comecei a gostar dele! E quando saímos para a rua perguntou-me uma coisa. Queres que ta diga, ou já sabes?

QUENTIN: Pediu-te para ir para a cama contigo pela última vez?

FELICE: Mas não era esquisito, no mesmo dia em que decidimos divorciar-nos?

QUENTIN: Querida, nunca se deixa de amar quem se amou. Porquê experimentar?

Louise desce para ele e Maggie aparece num vestido dourado entre homens anónimos.

MAGGIE: Quentin!

QUENTIN: Porque hei-de fazer afirmações tão estúpidas! Estas malditas mulheres ofenderam-me! Não terei aprendido nada?

HOLGA (*aparece ao pé da torre, com flores, enquanto Maggie e os homens ficam na escuridão*): Gostavas de ver Salzburg? Parece-me que representam hoje *A Flauta Mágica*.

QUENTIN (*referindo-se a Holga*): Não sei o que aquela rapariga poderia esperar de mim.

Holga sai. Louise desceu para a frente dele e ele olha para ela.

Não sei repreender com convicção sem ser a mim próprio. (*Louise sai.*)

FELICE (*enquanto Louise sobe o palco e sai*): Já percebi a tua razão! É que não há razão, é isto? Ninguém tem de ter culpa.

QUENTIN (*para o Auditor*): Meu Deus, dou uns lindos conselhos!

FELICE: E logo que percebi isso, comecei a dançar melhor! Agora, quando danço, até me sinto liberta! Às vezes basta pensar alto e voo alto! Tenho um pensamento elevado e voo pelo chão fora.

Ele volta-se lentamente para o Auditor enquanto ela caminha para a escuridão.

QUENTIN: E eu que gostava ainda mais do outro nariz... Sinto-me como um espelho em que ela acabou de se ver, radiante.

Dois covetors transportam um caixão imbuído a distância.

E como o funeral da minha mãe;

A mãe aparece na plataforma superior.

ela está debaixo do chão, mas ainda lhe ouço a voz na rua, alto e bom som, a chamar-me. Não sei como ter pena dela.

Ele aparece, com um cobertor por cima; duas enfermeiras amparam-no.

Ou talvez eu não acredite que a dor só é dor se mata!

Dan aparece a falar com uma enfermeira.

Como quando voltei de avião e encontrei o meu irmão no hospital.

A enfermeira sai apressada e Dan aproxima-se de Quentin.

DAN: Estou tão contente por teres vindo, pá; não queria telegrafar-te, mas não sabia que fazer. Fizeste boa viagem?

Desliza para a escuridão.

QUENTIN: E ainda por cima ela voltou a outra noite, e voou para o meu quarto... renascida! Fez-me meditar até que ponto acredito na vida.

FELICE (*apressando-se*): Fiz operação ao nariz! Posso mostrar-to? O médico tirou o penso, mas voltei a pô-lo porque queria que fosses o primeiro a vê-lo! Importas-te?

QUENTIN: Não. Mas porque hei-de ser eu?

FELICE: Porque... lembra-te daquela noite em que aqui estive? Procurei decidir se o devia fazer. Porque podia haver falta de sinceridade em mudar de nariz; não queria que tudo se baseasse na forma dum bocado de cartilagem. Não é forçoso responder-me, mas... parece-me que, naquela noite, querias dormir comigo. Não querias?

QUENTIN: Querias, sim.

FELICE: Eu sabia! E senti que a forma do meu nariz não importava! Tanto fazia tê-lo pequeno...

Posso mostrar-to?

QUENTIN: Gostaria muito de o ver.

FELICE: Fecha os olhos.

Ele fecha os olhos e Felice tira o penso.

Pronto.

Ele olha e ela levanta o braço em bêngão.

Sempre te hei-de abençoar. Sempre!

QUENTIN (*para o Auditor*): Ele não teve coragem de dizer ao meu pai, como sabia que eu tinha? Porque seria?

DAN (*para Quentin, que vem para ele*): Mas ele só foi operado esta manhã. Como é que podemos entrar e dizer: «A sua mulher morreu.»? É o mesmo que amputar-lhe um braço. E se lhe disséssemos que ela estava a caminho; depois dávamos-lhe o sedativo?

QUENTIN: Dan, sinto tanto como tu, mas não achas que depois de cinquenta anos tem-se reciprocamente direito à morte?

DAN: Eh pá, a mulher era o seu braço direito... e ele cai prò lado.

QUENTIN: Queres que lhe diga?

DAN (*contrafeito, receoso mas instigado*): Eu digo.

QUENTIN: Acho que isso lhe pertence, Dan, tanto como as suas núpcias.

DAN (*aliviado*): Diz-lhe tu, se não te importas.

Voltam-se juntos para Ike, na cama. Ele ainda não os vê. Move-se com o peso das notícias que trazem. Quentin volta-se enquanto anda.

QUENTIN: Ou serei apenas mais cruel?

Ike vê-os e levanta o braço.

DAN: Pai, olha...

IKE: Estás a berrar! Olha quem está aqui! Julgava que estavas na Europa!

QUENTIN: Acabo de chegar. Como estás?

DAN: Pareces óptimo, pai.

IKE: Que é isso de «pareces»? *Estou* óptimo! Digo-lhes, estou pronto para outra! (*Riem orgulhosamente com ele*) É a sério... o médico estava tão preocupado que lhe disse: «Olhe, se está tão aflito deite-se que eu opero-o!» Um tipo fixe. Julgava que ias estar mais uns meses fora.

QUENTIN (*hesitante*): Decidi voltar e...

DAN (*interrompendo com voz estranha*): A Sylvia vem já. Está lá em baixo a comprar qualquer coisa para ti.

IKE: Que bom! Digo-lhes, rapazes, aquela rapariga é cada vez mais como a mãe. Tem cá vindo todos os dias... onde está a mãe? Tenho-a procurado pela casa toda.

Pausa muito breve.

DAN: Um segundo, pai, quero só...

Ele começa a chamar disparatadamente, sem razão evidente, e a subir na direcção da enfermaria. Quentin olha fixamente o pai.

Enfermeira!... Pode mandar ver se a minha irmã está lá em baixo na loja...

IKE: Dan! Diz-lhe para trazer gelo; quando a mãe vier tomam todos uma bebida! Tenho uma garrafa de whisky no armário! (*Para Quentin*): Digo-te, rapaz, vou rejuvenescendo. A mãe tem razão;

lá porque envelheci, não tenho de ser velho. Quero dizer que podíamos ir à Florida, podíamos...

QUENTIN: Pai!

IKE: O quê? Tens um fato novo?

QUENTIN: Não, já o tinha.

IKE (lembrando-se — para Dan, referindo-se à enfermeira): Diz-lhe dos copos, vamos precisar de

mais copos.

QUENTIN: Ouve, pai.

Dan pára e volta-se.

IKE (completamente inadvertido): Sim?

QUENTIN: A mãe morreu. Teve um ataque de

coração ontem à noite, quando ia para casa.

IKE endireita-se subitamente, como se fosse apunhalado. Dá pequenos gritos; os olhos trancam a sua desolação e espanto. Quentim agarra o braço de Ike.

Pai: não queria dizer-te mas tinhas de saber, não era?

Ike continua a dar gritos, formando um berro; Quentim está preocupado.

Pai, não é culpa de ninguém...

Quentim volta-se para o Auditor.

Alguém tinha de lhe dizer, não tinha?! Os que lhe dessem sedativos seriam aqueles que gostam mais dele? Mas porque sentir-se culpado por dizer a verdade! Ou há mais qualquer coisa atrás disto?

Felice aparece e levanta o braço em bêngão.

FELICE: Fecha os olhos, tá bem?

QUENTIN (volta-se, atraído por ela): Talvez ela me esteja na cabeça... por não lhe ter mentido. Nem uma mentira.

Felice afasta-se.

O pior é que... dizer a verdade deixa-nos como que... frios. E quando ela se foi embora... fiz uma estupidez. Na parede do quarto do meu hotel há dois «appliques». Notei pela primeira vez que estão a uma distância... curiosa. Se se estiver entre eles...

Começa a estender os braços.

pode-se agarrá-los e descansar os braços.

Maggie senta-se, aborrecendo-lhe o gesto.

MAGGIE: Mentiroso! Juiz!

QUENTIN (deixa cair os braços, agonizante): Pode dizer-se a verdade a alguém... com amor? Será possível? Amar e nunca mentir?

A torre ilumina-se com Holga em baixo; ela está a descer a escada.

Visitámos um campo de concentração na Alemanha. Esta mulher, Holga, levou-nos lá. É estranho... HOLGA (sobe para o estrado, ele ainda está abai-

xo): Era aqui que os torturavam. Não, não me importo, vou traduzir isto.

Debruça-se para ler uma legenda pendurada na parede.

QUENTIN (*aproxima-se da plataforma ao lado dela*): Nada na Europa, nada no mundo, parecia tão verdadeiro.

HOLGA (*lendo*): «A porta à esquerda conduz à câmara onde lhes arrancavam os dentes para lhes tirar o ouro; o esgoto no chão era para o sangue. Às vezes, em vez de fuzilados, eram mortos por estrangulamento. As casernas à direita eram os bordéis onde as mulheres...»

QUENTIN: Acho que chega, Holga.

HOLGA: Não, se queres ver o resto...

QUENTIN (*pega-lhe no braço*): Vamos passear, querida. O campo ali está lindo.

Começam a andar. A luz transforma-se em dia.

Não há dúvida de que construíam sólidas torres de vigia, não era? Olha, esta relva parece seca. (*Sentam-se.*) É estranho. Pensei que isto me irritasse ou indignasse. Mas é simplesmente um facto da natureza.

HOLGA: Sim.

QUENTIN: Parece que se engole um bocado de terra.

HOLGA: Desculpa! (*Alegremente, para o ani-*

mar): Ainda queres ver Salzburg? Adorava mostrar-te a casa de Mozart...

QUENTIN: Houve alguém teu conhecido que morresse aqui?

HOLGA: Não. Acho simplesmente que as pessoas devem ver isto. E parecias tão interessado... Uma vez por outra, trouxe aqui colegas.

QUENTIN (*indicando a torre*): Achas que compreendes isto?

HOLGA: Acho que todos nós compreendemos. Mas ninguém confessa, ou acharíamos difícil continuar a viver. Quando cheguei pela primeira vez à América, depois da guerra, estive três dias a ser interrogada. Como se podia ter estado em trabalhos forçados sem se ser comunista? Ou judia? (*Olhando a torre.*) Há qualquer coisa nisto de tremendamente... aceitável. Mas não quis deprimir-te tanto! (*Começa a puxá-lo.*) Deita-te um pouco e talvez...

QUENTIN: Não, desc... (*larga a mão dela*) desculpa, querida, não quis afastar-te.

HOLGA (*ressentida e atrapalhada*): Estou a ver flores campestres naquela colina; vou apanhar algumas para o carro!

Levanta-se, apressada.

QUENTIN: Holga?

Ela continua. Ele põe-se de pé, volta-se e corre para ela.

Holga...

QUENTIN (*reconhecido, dá-lhe um beijo*): Por-
que continuas a voltar a este sítio? Parece dar cabo
de ti.

A mãe conta.

HOLGA (*depois de uma pausa. Está perturbada, incerta*): Eu... não sei. Talvez... por não ter morrido
aqui.
QUENTIN (*volta-se abruptamente para o Au-
ditor*): O quê?
HOLGA: Se bem que isso não faça sentido! Já
nem sei bem!

QUENTIN (*vai para a cadeira*): Essa gente...
que é? «Quero expiar os mortos». Não, não, eu
posso compreender; sobrevivência pode ser difícil
de suportar. Mas eu... eu não sinto dessa maneira...
se bem que pense agora na minha mãe, e ela esteja
morta. Sim!

Volta-se para Holga.

E se calhar os mortos incomodam-na.

HOLGA: Estávamos a meio da guerra. Tinha
saído duma aula e havia panfletos britânicos pelos
passseios. A fotografia dum campo de concentração
e gente macerada. Havia tendência para acreditar
nos britânicos. Não fazia ideia. E verdade. Não é
fácil voltar-se contra o seu país; sobretudo em guerra.
Os americanos voltam-se contra a América por
causa de Hiroxima? Razões há sempre. E levei o

Não sabe que dizer.

HOLGA: Talvez tenhamos andado demasiado jun-

tos. Posso alugar outro carro em Linz; encontra-

vamo-nos depois em Viena.

QUENTIN: Não. Não quero perder-te, Holga.

HOLGA: Ouço as tuas asas abrirem-se, Quentín.

Dou conta de mim sozinha. Gosto do meu trabalho.

Simplesmente, quando me falaste, senti-me logo à
vontade, como nunca antes me sentira... não é ques-

tão de casar; não tenho vergonha de ser assim. Mas
tenho de ter *qualquer coisa*.

QUENTIN: Não te dou nada?

HOLGA: Dás-me muito... Tenho dificuldade em

falar assim; não sou mulher que tenha de ser re-
confortada a toda a hora, essas mulheres para mim
são estúpidas...

QUENTIN (*volta-lhe a cara para si*): Holga,

estás a chorar... por mim?

HOLGA: Não acreditas em ninguém, pois não?

QUENTIN: E em mim que não acredito. Juro

que não sei se vivi de boa fé. E essa dúvida pren-
de-me a língua quando posso prometer mais qual-
quer coisa.

HOLGA: Mas como é que alguma vez se pode

ter a certeza de estar de boa fé?

QUENTIN (*admirado*): Meu Deus, que bom ou-

vir-te dizer isso. As minhas mulheres tinham todas

uma convicção tão firme!

HOLGA: Mas como é que alguma vez se pode ter?

panfleto ao meu padrinho. Ele ainda chefiava o nosso Serviço Secreto. E perguntei se aquilo era verdade. «Claro», respondeu, «isso incomoda-te?» E eu disse: «És um suíno. Vocês tão todos uns suínos.» Atirei-lhe com a pasta. Ele abriu-a, pôs uns papéis dentro e pediu-me para a entregar numa morada. E servi de mensageira aos oficiais que planeavam assassinar Hitler... foram todos enforcados.

QUENTIN: Porque é que tu também não foste?

HOLGA: Porque eles não me traíram.

QUENTIN: Então porque dizes que a boa fé nunca é certeza?

HOLGA (*depois de uma pausa*): Era a minha pátria... há mais tempo talvez do que devia ter sido. Mas eu não sabia. E agora não sei, como não podia ter sabido.

QUENTIN: Holga... bem haja a tua incerteza. Não pareces procurar uma maldita... vitória moral. Perdoa-me, não tencionava ser distante contigo. Eu...

Olha para cima.

HOLGA: Vou buscar flores.

Vai sair.

QUENTIN: A culpa é deste sítio!

HOLGA (*volta-se, e com grande amor*): Eu sei! Volto já!

Sai, apressada. Ele fica parado um momento; sente-se a presença da torre a penetrá-lo; a cor muda; olha para ela e fala ao Auditor.

QUENTIN: Que pedras tão banais! Esperava que fossem menos familiares. Porque *conheço* aqui qualquer coisa! Vejo filas de gente a trepar esta colina; e eu lá dentro; ninguém sabe o meu nome, e no entanto vão esmagar-me a cabeça num chão de cimento...! E sem apelação...

Volta-se abruptamente para o Auditor.

É esse o medo... por já não ver redenção final? Sim, primeiro socialismo, depois amor; perdeu-se uma derradeira esperança, que sempre redimia antes do fim!

A mãe aparece; Dan entra, beija-a e sai.

MÃE: Muito bolo não, querido, vai haver muita comida neste casamento.

QUENTIN: Mãe! Isso é estranho. É assassinio?

MÃE (*volta-se de repente para um rapaz imaginário e ajoelha*): Sim, Quentin, levás ligas e não discutas comigo. Porque é o casamento do meu irmão e não hás-de andar com as meias a cair!

QUENTIN (*começa a rir, mas o riso transforma-se em...*): E nem sou capaz de a chorar?... Holga chorou ali... Porque não posso chorar? Porque hei-de compreender este matadouro?

PAI: Sessenta mil toneladas. Sessenta.

O pai desaparece.

MÃE: Ainda hoje ele entra numa sala e apetece fazer-lhe uma vénia! (*Estasuada.*) Em qualquer restaurantante os criados mal o vêem começam a preparar mesas. *Porque*, querido, as pessoas vêem logo que é um *homem*. Até o Dr. Strauss, no meu casamento, chegou ao pé de mim e disse: «Rosa, estou mesmo a ver que tens um homem extraordinário», e Strauss esteve sempre apaixonado por mim. Claro, nessa altura não passava dum estudante de Medicina sem vintém, o meu pai nem o deixava entrar lá em casa. Quem adivinhava que ele acabaria pelas ruas da amargura? Pobre rapaz! Costumava trazer-me romances para ler, poesia, filosofia, sabe Deus o quê! Uma vez até saímos sorrateiramente para ouvir juntos Rachmaninoff...

É tristemente, mais com admiração do que azedume.

É por isso, sabes, duas semanas depois de casa-dos, sento-me para jantar, o pai dá-me a ementa e pede-me para a ler... não sabia ler! Fiquei tão afrita que ia fugindo! Porque a tua avó é uma mulher tão boa e desintereçada: dois meses na escola e puseram-no na loja! Há mulheres assim, meu querido... e agora ele vai e compra-lhe um Packard novo todos os anos.

A mãe ri. Ele volta-se para ela, instigando o Auditor.

MÃE (*o seu riso torna-se amargo*): Meus ir-

mãos! Porque terá de ser o casamento, nesta família, uma catástrofe? Porque a rapariga está grávida, querido, e não tem dinheiro, é estúpido, e digo-te que vai ter bigode! E por isso, querido, quando cresceres, espero que aprendas a desapon-tar as pessoas. Especialmente as mulheres.

QUENTIN (*observando-a, sentado*): Mas que diabo tem isto que ver com um campo de concen-tração?

MÃE: Quando acabas de brincar com os fósforos?

Dá uma palmada num rapaz imaginário.

Vais miñar na cama! Porque não praticas antes a tua faculdade de escrever? Escreves que nem um desalmado, querido. E onde está o teu pai? Se ador-meceu outra vez no banho turco, mato-o! Como se esqueceu do casamento do meu irmão Herbert e foi ao combate de boxe Dempsey-Tunney. E acabou fechado na retrete, de forma que, quando o tiraram de lá, o meu irmão estava casado, havia outro cam-pão, e custou-lhe cem dólares ir à retrete!

*Fica a rir. O pai aparece com o secretário, de telefone im-
giniário na mão na plataforma superior.*

PAI: Depois telegrafe a Southampton.
MÃE: Mas não deves rir dele, é um homem ma-

ravilhoso.

Com estranho e profundo medo.

Por favor, querido, quero que *desenhes* as letras, esses rabiscos são feios, querido; e a tua atitude, a tua maneira de falar, tudo pode ser belo! Pergunta a Miss Fischer; durante anos tiveram a minha caligrafia exposta no quadro das pautas; meu Deus, nunca esquecerei; era chefe de turma, com um diploma nas mãos para ingressar em Hunter...

Fica sombria.

e voltei para casa, e o avô diz-me: «Vais casar-te!» Fiquei como... como se tivesse umas asinhas, pronta a voar; dormi todo o ano com o Guia do Amor debaixo do travesseiro! Para aprender, para aprender tudo! Querido, isto é tudo um mistério tão grande!

O pai entra e fala para o jovem Quentin, imaginário

IKE: Quentin, ligas-me o telefone para o escritório?

Para a mãe.

Porque telefonaste para o balneário?

MÃE: Pensei que te esquecias do casamento.

IKE (*jovialmente*): Bem o queria, mas sou eu quem o paga.

MÃE: Ele reembolsa-te!

IKE: Acredito, mas não queria ficar todo esse tempo pendurado pelos cabelos.

Volta-se e dirige-se para um ponto onde pega num telefone imaginário.

Herman? Não desligues.

MÃE: Não quero chegar tarde, sabes...

IKE (*em tom levemente irónico*): Ela não vai dar à luz por chegarmos meia hora atrasados.

MÃE: Não te faças engraçado! Ele apaixonou-se, que tem isso de extraordinário?

IKE: Todos se apaixonam pelo meu dinheiro. Casei com um ninho de amor!

Volta-se para Quentin, a rir.

Decretaram que este rapaz não pode cortar o cabelo?

Leva a mão ao bolso e atira uma moeda.

Toma, pelo menos vai engraxar os sapatos.

Para a mãe.

Vou já, querida, continua.

MÃE: Vou pôr-te os botões de punho. Santo Deus, que bem que ele fica de «smoking»!

Distancia-se, mas pára, volta-se, escuta Ike.

IKE (*ao telefone*): Herman? Ainda aí está o guarda-livros? Liga-me com ele.

QUENTIN (para o Auditor, lembrando-se de repente): Ah, sim!

IKE: Billy? Acabaste? Conta-me lá o que se passa, em que ponto estou?

QUENTIN: ...Sim!

IKE: Não lês os jornais? Que faço do Irving Trust? Não posso abandoná-lo. Que Banco?

A mãe desce um degrau, alarmada.

Fui a todos os bancos de New York, não consigo descontar uma letra. Que raio, como vão emprestar-me dinheiro? Não... não, não há dinheiro em Londres, não há dinheiro em Hamburgo, não há movimento de carga no mundo, o oceano está vazio... Billy... agora diz-me a verdade, em que ponto estou?

Desliga o telefone. Pausa. O pai está de pé, rígido como que a espera duma tempestade.

MãE: Que se passa? Que estás a engendrar?

O pai continua de pé, de olhar fixo, mas ela pressente coisas piores.

De que estás a falar? Quando começou isto? Bem, quanto vais ganhar? Perdeste a cabeça? Tens uma carteira de títulos que vale mais de quatrocentos mil dólares, podes vender os...

O pai ri.

Vendeste aqueles maravilhosos títulos?! Comprei

agora mesmo um plano de cauda novo, porque não dissesse nada! É uma baixela para o meu irmão, e tu nada me dizes!

Mais acubruinhada, dá uns passos a pensar.

Pois bem... então recebo o teu seguro; tens pelo menos setenta e cinco mil, líquidos...

Para e volta-se horrorizada.

Quando?

O pai está a perder gradualmente a compostura, a grandeza; desaparece a gravata.

Esta bem, então vendemos os meus títulos. Fã-lo amanhã. Que? Pede que os devolvam, tenho noventa e um mil dólares em títulos que me deste. Esses títulos são meus. Eu tenho títulos...

Para de falar e com expressão de horror, e depois crescente desdém, diz:

quer dizer que viste tudo afundar-se e continuaste a deitar dinheiro à rua? Serás tu uma espécie de cretino?

IKE: Não se volta costas a um negócio; vim para esta terra com um trapo à volta do pescoço, como lixo no porão dum barco!

MãE: Devia ter fugido no dia que te encontrei.

IKE (*como se fosse apunhalado*): Rosa!

MÃE: Devia ter feito como as minhas irmãs, mandar os meus pais prò diabo e pensar em mim! Devia ter fugido a sete pés!

IKE (*indicando um ponto próximo*): Psiu! Ouço os garotos...

MÃE: Devia pedir o divórcio!

IKE: Rosa, os universitários andam com as calças na mão.

MÃE: Mas até ao último dólar?!

Debruça-se sobre a cara dele.

És um idiota!

A proximidade dela força-o a pôr-se de pé; ambos se olham estranhos.

QUENTIN (*levanta o olhar para a torre*): Sim! Sem razão nenhuma... nem sequer nos perguntam o nome!

IKE (*olha para um sítio próximo*): Está alguém a chorar? Quentin está lá dentro. É melhor falares com ele.

Ela vai para lá, trepidante. Próximo donde ele indicou, ela pára.

MÃE: Quentin? Amorzinho? É melhor vestires-te. Não chores, querido...

Fica paralisada por qualquer coisa que Quentin disse.

Que disse eu? Porquê, que é que eu disse? Bem, estava um pouco zangada, não é nada, mas não disse isso. Acho que ele é um homem maravilhoso!

Ri.

Como podia dizer uma coisa dessas? Quentin!

Estende os braços como se ele fosse a fugir.

Não disse nada!

Com um grito, como para alguém que se perde.

Querido, eu não disse nada!

Pai, Dan e mãe saem. Holga aparece instantaneamente.

QUENTIN: Eles nem sequer nos perguntam o nome.

HOLGA: Quentin! Quentin!

Ele ainda está a fitar a mãe e depois volta-se para Holga.

QUENTIN: Tens-me amor, não tens?

HOLGA: Sim.

Falando das flores campestres que traz nos braços.

Olha, o carro vai ficar a cheirar bem!

QUENTIN (*aperta as mãos*): Vamos embora desta nojeira. Damos uma corrida até ao carro?

HOLGA: Esta bem! Dá a partida!

Preparam-se.

QUENTIN: O último a chegar ganha uma sal-
sicha rangosa!

HOLGA: Preparar! Estão prontos? Largar!

De repente, Quentim olha para a torre e senta-se no chão como se tivesse cometido um sacrilégio. Ela percebe-se da sua emoção; toca-lhe na cara.

Quentim, querido, nenhum dos que eles não mata-
ram pode voltar a ser inocente.

QUENTIN: Mas como achaste a solução? Como

consegues ser tão resoluta? Estás tão cheia de espe-

ranças!

HOLGA: Quentim, acho que é um engano buscar

alento fora de nós próprios. Um dia desmaiava-se por-

que o jardineiro cortou um dedo, e daí a uma se-

mana anda-se por cima de cadáveres de crianças

bombardeadas num subterrâneo. Que esperança pode

existir se isto é assim? Tentei morrer, próximo do

fim da guerra;

Levanta-se e sobe a escada, direita à torre.

o mesmo sonho voltou todas as noites até já não
poder dormir e ficar doente. Sonhei ter tido um
filho, e mesmo no sonho vi que era a minha vida, e
que era um idiota, e fugi. Mas voltava para o meu

colo, agarrava-se-me às saias. Acabei por pensar
que se o pudesse beijar talvez adormecesse. E de-
brucei-me sobre a sua face lacrada, e foi horrível...
mas beijei-a. Penso que no fundo temos de pegar
ao colo a própria vida, Quentim. Vem, esta noite vão
representar *A Flauta Mágica*. Gostas da *Flauta Mágica*?

Holga sai do fundo da torre.

QUENTIN (*sózinho*): Ela faz-me falta... imensa
falta... e no entanto, não consigo assinar as minhas
cartas para ela «Com Amor». Ponho «Sinceramente»,
ou «Como sempre»; vê-se bem que penso o que faço...

Felice entra.

...e isso corta o fio, entre as minhas mãos e o céu.
Soa mal, mas sinto-me... desabengado.

Felice levanta a mão em bênção, depois sai.

E continuo a recordar, quando parecia haver algo
absoluto; um certo dever no céu. Tinha mesa posta
e uma esposa

Louise aparece a limpar uma bandeja de prata.

e o mundo tão maravilhosamente ameaçado por in-
justiças que eu nascera para corrigir! Acreditar!
Que bom parece! Uma espécie de paraíso, compa-
rado com isto.

Apercebe-se de Elsie, que surge na segunda plataforma, de costas; tem um roupão de praia pelos ombros, os braços fora das mangas.

Até que começo a olhar. Meu Deus, quando penso no que acreditava, quero esconder-me!

Olha Elsie.

Mas eu não era assim tão novo! Um homem de trinta e dois anos vê uma convidada tirar o fato de banho molhado, no seu quarto...

Elsie, à sua aproximação, volta-se para ele e o roupão descai-lhe dum ombro.

...e ela continua ali especada, com as mamas de fora...

ELSIE: Acabaste de trabalhar? Porque não vens nadar agora? A água está mesmo boa.

QUENTIN (*uma risada de angústia, berrando*): Digo-te, não acreditei que ela soubesse que estava nua!

Louise entra e senta-se à direita, como se fosse no chão, Elsie põe-se ao pé dela.

Bem, porque ela era casada! Porque sabia quando o Quarteto de Budapest desafinava; era uma mulher impecável, como podia ser infiel?

Lou entra no palco a ler um «processo».

E o seu marido, meu amigo, meu santo professor de Direito, a examinar a minha causa no Supremo Tribunal na relva ao pé daquela janela. Eu via-lhe a cabeça por baixo da teta dela, santo Deus! Claro que vi, mas a questão é o que nos permitimos admitir! Admitir o que se vê compromete princípios!

Quentin volta-se para Louise e Elsie, que estão a cochichar. Aproxima-se delas por trás. Pára, volta-se para o Auditor.

Admitir que quando duas mulheres estão a cochichar e param de repente quando se aparece...

ELSIE e LOUISE (*voltando-se para ele, interrompendo abruptamente a conversa*): Olá!

QUENTIN: ...o assunto deve ter sido sexo. Podes admitir isso? Se uma delas for tua mulher... que ela tenha estado a falar de ti?

ELSIE (*para que ele se vá embora*): Lou está lá fora, a ler o teu «processo». Diz que é estupendo!

QUENTIN: Espero que sim, Elsie. Tenho estado nervoso, à espera do que ele dirá.

ELSIE: Gostava que lhe disseses isso, Quentin! Dizes? Que a opinião dele tem importância para ti. É importante que lhe digas. Aqui está tão agradável...

Afagando Louise, levanta-se.

Invejo-os tanto a ambos!

Sobe o palco, parando ao lado do marido, Lou. É um homem bondoso, amável, e de calções; está absorvido na leitura do «processo».

Quero dar mais uma volta na praia antes do almoço. Penteaste hoje o cabelo?

LOU: Parece-me que sim.

Fecha o «processo» e desce para Quentin.

Quentin! Isto é soberbo! Não é nada um simples «processo»; há uma qualidade imponente, como que uma opinião clássica!

Elsie sai. Lou, gracejando, puxa a aba do casaco de Quentin.

Até me sinto honrado em tê-lo conhecido!

QUENTIN: Estou tão contente, Lou.

LOU (*passando um braço por Louise*): Toda a sua carreira vai mudar com isto! Posso pedir um favor?

QUENTIN: Seja o que for, Lou.

LOU: Oferece-o a Elsie, para ler? Sei que parece um pedido extraordinário, mas...

QUENTIN: Não, gostaria imenso.

LOU: Impressionou-a tremendamente eu ter sido

convocado e todos aqueles malditos cabeçalhos nos jornais. Apesar de tudo, afecta realmente as relações íntimas. Por isso, qualquer indício de respeito... por exemplo, dei-lhe o manuscrito do meu novo livro e retardei até a publicação para inserir a sua crítica. Pode ser psicose dela, mas tornou-se extremamente sensível...

LOUISE: O meu assado!

Louise sai do palco.

QUENTIN: Mas espero que não atrase demasiado, Lou! Era óptimo publicar agora qualquer coisa. Até para esses pulhas verem.

LOU (*olhando atrás*): Mas... sabe, é um texto escolar, e a Elsie acha que só servirá para me atacarem de novo...

QUENTIN: Mas eles investigaram-no, que pior mal podiam fazer?

LOU: Outro ataque podia pôr-me fora da Faculdade. Da última vez foi só o voto de Mickey que me salvou. Fez um discurso maravilhoso na reunião da direcção, quando recusei testemunhar.

QUENTIN: Isso é bem do Mickey.

LOU: Sim, mas Elsie acha... que publicar agora é atrair outra vez raios e coriscos. E, no entanto, pôr de lado o livro é como um suicídio para mim. Tudo o que sei está nesse livro.

QUENTIN: Lou, você tem o direito de publicar; um passado radical não é lepra; só mudamos para as esquerdas por nos parecer estar lá a verdade. Não tem de se envergonhar.

LOU (*dolorido*): E isso, c'os diabos!... Mas... há uma coisa que nunca lhe disse, Quentin...

Mantém a posição, desanimado.

QUENTIN (*para o Auditor, vindo à beira do palco*): Sim, o dia em que o mundo acabou, e nin-

guém mais voltou a ser inocente. Meu Deus, como tudo se desmoronou rapidamente!

LOU (*falando de frente*): Quando voltei da Rússia e publiquei o meu estudo da lei soviética... suprimi muitas coisas que vira. Menti. Por bem, julguei eu, mas o que ficou foi a mentira.

Entram Elsie e Louise, falando intimamente e sem serem ouvidas.

E agora é para mim tão estranho... tenho muitos defeitos, mas nunca fui mentiroso. E menti pelo Partido, cada vez mais, ano após ano. E é por isso que quero agora, com este meu livro, ser verdadeiro para mim próprio! Não é um ataque que receio, é ser forçado a defender as minhas próprias, incríveis mentiras!

Volta-se, surpreendido, e vê Elsie.

ELSIE: Lou, estou muito admirada. Supunha que tinhas arrumado isto.

O pai e Dan aparecem no palco.

LOU: Sim, querida, só queria a opinião de Quentin...

ELSIE: Tens a camisa de fora, querido.

Ele mete-a apressadamente dentro dos calções. E para Quentin:

Certamente não achas que ele deve publicar.

QUENTIN: Mas a alternativa parece...

ELSIE (*com alarme vulcânico, mas abafado*): Mas, meu caro, essa é a situação! Lou não é como tu, Quentin; tu e Mickey podem actuar no tumulto áspero da prática particular, mas Lou é uma pessoa puramente académica. É incapaz de sair e...

A mãe aparece ao lado do pai.

LOU (*com um sorriso forçado*): Bem, querida, não sou assim tão débil, eu...

ELSIE (*num lampejo de escárnio, para Lou*): O momento não é bem para ilusões!

MÃE: Tu, idiota!!

Quentin fica chocado, volta-se de repente para a mãe, que está em frente do pai, sentado.

Os meus títulos?

QUENTIN (*vendo a mãe sair*): Porque lamento as coisas desintegrarem-se? Foram alguma vez íntegras? E quem tem a culpa?

A mãe sai, o pai e Dan continuam na escuridão, transidos. Louise levanta-se.

LOUISE: Quentin! Decidi ingressar na psicanálise.

QUENTIN (*para o Auditor*): Não acredito em culpar, mas se todos nós estamos inocentes, donde vem todo este mal?

LOUISE: Quero falar contigo sobre certas coisas. QUINTIN (olha para Louise, que parece abs-tracta): Ou estarei a chamar maldade apenas à ver-dade que transparece?

LOUISE (um instante atrapalhada): Senta-te, por favor.

Ela concentra-se. Ele hesita, ferido pela recordação, que na altura fora também uma agonia. E ao aproximar-se da cadeira... para o Auditor.

QUINTIN: Foi como um... encontro. Em sete anos nunca tínhamos tido um encontro.

Senta-se.

LOUISE: Não parecemos...

Uma longa pausa, enquanto perscruta a formação dum pensamento.

...casados.
QUINTIN: Nós?!

E sincero o que ela diz, mas teve de aprender as palavras, e isso incute-lhe um tom imperceptível de fórmula, da ma-neira de falar.

LOUISE: Não me ligas importância nenhuma. QUINTIN (para a ajudar): Queres dizer, como na noite de sexta-feira? Quando não te abri a porta do automóvel, para saíres?

LOUISE: Sim, faz parte do que quero dizer. QUINTIN: Mas eu disse-te; sempre abriste tu própria a porta do carro.

LOUISE: Fiz sempre tudo por mim própria, mas isso não quer dizer que esteja bem. Todos o notam, Quentim.

QUINTIN: O quê?

LOUISE: A maneira como me tratas. Eu não existo. As pessoas devem preocupar-se umas com as outras. Não sou assim tão pouco interessante. Muita gente, homens e mulheres, acham que sou interes-sante.

QUINTIN: Pois eu...

Interrompe-se.

eu... não sei o que queres dizer.
LOUISE: Não tens ideia do que é uma mulher. QUINTIN: Mas dou realmente atenção... ainda ontem à noite te li o meu «processo» todo.
LOUISE: Quentim, achas que ler um «processo» a uma mulher é falar com ela?

QUINTIN: Mas é o que tenho no pensamento. LOUISE: Mas se é só isso que tens no pensa-mento, para que queres uma mulher?

QUINTIN: Que espécie de pergunta é essa?

LOUISE: Quentim, é essa a questão!

QUINTIN (curta pausa; com receio, espanto): Qual é a questão?

LOUISE: Que sou para ti? Alguma vez... al-

guma vez me *perguntas* alguma coisa? Alguma coisa pessoal?

QUENTIN (*com crescente inquietação*): Mas Louise, que tenho a perguntar-te? Eu *conheço-te*!

LOUISE: Não.

Levanta-se com dignidade ameaçadora.

Não me conheces.

Pausa. Continua com precaução.

Já não tenciono ter vergonha de mim, costumava pensar que isso era normal; ou até que não me vias por eu não ser digna de ver. Mas agora penso que tu não vês mulher nenhuma. Excepto, de certa maneira, tua mãe. Não há dúvida de que a compreendes; sabes quando se sente infeliz ou preocupada, mas a mim não. Ou a qualquer outra mulher.

Elsie aparece na segunda plataforma, prestes a largar o vestido como antes.

QUENTIN: Não é verdade, sabes. Eu...

LOUISE: Elsie também deu por isso.

QUENTIN (*esquivando-se, com remorsos da visão de Elsie*): O quê?

LOUISE: Ela está admirada contigo.

QUENTIN: Porquê? Que disse ela?

LOUISE: Diz que não pareces dar pela *presença* duma mulher.

QUENTIN: Hã?

Fica desarmado, confuso e calado.

LOUISE: E sabes como ela te admira.

Elsie desaparece. Quentin baixa a cabeça. De repente volta-se para o Auditor e desata a rir à gargalhada. Para abruptamente perante Louise.

LOUISE (*indecisa; é a primeira tentativa de confrontação*): Quentin?

Ele fica calado.

Quentin?!

Ele continua calado.

QUENTIN (*pausa; toma ânimo*): Talvez eu não fale, porque, quando te disse o que sentia, não o esqueste durante seis meses.

LOUISE (*irritada*): Não foram seis meses, foram umas semanas. Exagerei de facto, mas é compreensível. Voltas duma viagem e dizes-me que encontraste uma mulher com quem querias ir dormir!

QUENTIN: Não foi assim que eu disse.

LOUISE: Foi assim exactamente. E estávamos casados há um ano.

QUENTIN: Não foi assim que eu disse, Louise. Foi estúpido, mas continuo a dizer que o disse com intenção lisonjeira: que não lhe toquei por com-

prender o que tu contavas para mim. E bem durante um ano olhavas para mim como se eu fosse um monstro em que nunca mais se pode confiar...

Imediatamente para o Auditor.

E' porque acho que ela tem razão? Talvez por ela ter razão. Que ideia! Mas admito estar errado. A questão é se alguma vez se pode esperar ser inocente. Será esse o objectivo a ter na vida? Mas tenho de o ter, não é? Não serão bons os inocentes?

A torre ilumina-se.

Por exemplo, passo por este matadouro — não me sinto completamente inocente. Nem em absoluto culpado, mas antes... como se tivesse um cúmplice dentro de mim... Como posso sentir culpa do que nunca fiz?

Volta-se para a mãe, que aparece.

Em que sentido traigo-eiro?
MÃE: Que poesia ele me trouxe! Strauss compreendia-me. E, duas semanas depois do noivado, o papá dá-me a ementa, para ler!
QUENTIN: Hum! Sim! E a um garoto... que sabe ler bem; um leitor portentoso, esse garoto!
MÃE: Quero que tenhas uma bela caligrafia, querido; quero que sejas...
QUENTIN: ...um cúmplice!...

MÃE (*volta-se para o pai, que continua sentado e amarfanhado*): Os meus títulos? E não me dizes nada... serás tu um pulha?! Idiota!
QUENTIN (*observa-a e ao pai desaparecerem na escuridão, e pergunta ao Auditor*): Mas porque será o mundo tão traigo-eiro?

Mickey aparece ao cimo do palco e enfrenta Louise em silêncio.

Devemos culpar de tudo as mães? E vou mais longe: esta realmente certo ser-se absolvido pelo que outros fazem?

O pai e Don saem na escuridão. A torre desaparece.

MICKEY: Tens orgulho nele?
LOUISE: Sim!

MICKEY (*vai para Quentin, que se volta para ele*): O relatório é estupendo; até me comoveu.

Para Louise, sorrindo.

LOUISE: Lou e Elsie estão aqui.
MICKEY: Não sabia. Estás encantadora, Louise.
Toda ferosa.
LOUISE: Obrigada! Dá prazer ouvir-te!

Ri baixinho, emvergonhada, olha Quentin e sai.

MICKEY: Há um problema?

QUENTIN (*atrapalhado*): Não creio, ela vai à psicanálise.

MICKEY: Tens um problema.

Abana a cabeça e ri alegremente.

Parece-me que talvez tenhas casado novo de mais; eu também... mas *tu* não andas na borga, pois não?

QUENTIN: Claro que ando.

MICKEY: Então por que raio te sentes tão culpado?

QUENTIN: Só há pouco o senti. Na verdade, achava admirável tudo o que fazia.

MICKEY: Sabes, quando isso me aconteceu pela primeira vez dediquei cinco minutos por dia só a imaginar minha mulher como uma pessoa estranha. Como se ainda não a tivesse moldado. Tem de se criar certo respeito pelo seu mistério. Começa com cinco minutos; eu agora já consigo uma hora.

QUENTIN: Parece um jogo, não achas?

MICKEY: Mas quando duas pessoas se juntam já não se pode ser absolutamente sincero, não é? Quero dizer, ela não é a tua costela...

QUENTIN: Sim, tens razão. Mas é pena que não seja.

Pausa. Ouve-se Lou e Elsie fora do palco. Mickey dirige-se a um ponto, olha para baixo como num precipício.

MICKEY: Pobre Lou; olhem para ele lá em baixo,

nunca aprendeu a nadar, patinhou sempre como um cão.

Volta para trás.

Gostava imenso daquele homem. Ainda gosto. Quentin, fui convocado.

QUENTIN (*chocado*): Meu Deus! A assembleia?

MICKEY: Sim. Oxalá tivesses vindo à cidade quando te chamei... Mas agora não interessa.

QUENTIN: Tive um pressentimento de qualquer coisa nesse género. Parece-me que... não queria saber mais nada.

Para o Auditor.

Sim, não ver...! Para ser inocente.

Longa pausa. Eles têm dificuldade em olhar-se frente a frente.

MICKEY: Tenho passado martírios, Quentin. É uma coisa estranha ter de examinar-se a razão de existir; não teòricamente, mas à base da vida ou da morte. Cai tanta coisa pela base.

QUENTIN: Parece-me que o principal é não ter medo.

MICKEY (*pausa*): Agora não creio que tenha.

Pausa. Ambos estão sentados, a olhar fixamente. Por fim Mickey volta-se e olha para Quentin, que o encara. Mickey tenta sorrir.

Podes deixar de ser meu amigo.

QUENTIN (procura apagar tudo com um mso mas sente crescer em si um terror): Porquê?

MICKEY: Vou dizer a verdade.

Pausa.

QUENTIN: ...que queres dizer?

MICKEY: Eu... vou falar em nomes.

QUENTIN (incrédulo): Porquê?

MICKEY: Porque... quero fazê-lo. Durante quinze

anos, onde quer que fosse, dissesse o que dissesse, sentia sempre estar a enganar as pessoas.

QUENTIN: Mas porque não falas só de ti?

Magie entra, deita-se na segunda plataforma.

MICKEY: Eles querem nomes e pretendem destruir todos os que...

QUENTIN: Acho que é um erro, Mick. Tudo isto há-de passar e depois arrependes-te. De resto, Max foi sempre contra este género de coisas!

MICKEY: Discuti isto com Max. Ou testemunho ou sou expulso da firma.

QUENTIN: Não acredito! E o DeVries...

MICKEY: DeVries estava lá, e Burton, e a maior parte dos outros. Gostava que tivesses visto a cara deles quando lhes disse. Homens com quem trabalhei durante treze anos. Jogávamos ténis; amigos íntimos, sabes? Mas quando disse que «tinha sido» atiram-me pedras.

A torre ilumina-se.

QUENTIN (para o Auditor): Tudo é uma só coisa! Olha... não sei o que somos uns para os outros!

Lou entra de calções de banho e rejeitula quando vê Mickey. A torre escurece.

LOU: Mick! Pensei ter ouvido a tua voz!

Pega-lhe na mão.

Caramba, Mick, porque não andamos juntos como dantes? Faz-me falta toda aquela conversa amena!

Lou e Mickey abraçam-se efusivamente. Holga aparece com flores no estrado superior.

QUENTIN (olhando para Holga): Como te atreves ainda a fazer promessas? Passei por tantas promessas, sabes?

Holga sai.

LOU (andando para trás, horrorizado): Convo-cado!

Mickey baixa a cabeça e olha para o chão. Lou agarra-lhe o braço.

Tenho imensa pena, Mickey. Mas posso dizer uma coisa que pode sossegar-te o espírito; quando se está em frente deles tudo se torna extremamente simples!

QUENTIN: Ai, meu Deus!

LOU: Tudo parece desvanecer-se excepto... nós próprios. A nossa verdade.

MICKEY (*depois de ligeira pausa*): Já estive em frente deles, Lou. Há duas semanas.

LOU: Mas então, que querem ainda de ti?

MICKEY (*pausa; um sorriso fixo na cara*): Pedi para ser ouvido outra vez.

LOU (*intrigado, de olhos abertos*): Porquê?

MICKEY (*pensando cuidadosamente o que vai dizer*): Porque quero dizer a verdade.

LOU (*com o primeiro vislumbre de incrédulo receio*): Em... que sentido? Que queres dizer?

MICKEY: Lou, quando saí da sala das sessões não senti ter sido eu a falar. Falou qualquer outra coisa, qualquer coisa autómata e desumana. Perguntei a mim próprio que estava eu a proteger recusando-me responder? Lou, tens de me deixar acabar! Tem de ser. O Partido? Mas eu desprezo o Partido há muitos anos. Exactamente como tu. No entanto, há qualquer coisa que me cerra a garganta quando penso proferir nomes. Que estou a defender? Agora é um sonho, um sonho de solidariedade. Mas o facto é que não tenho solidariedade nenhuma com as pessoas de quem podia dizer os nomes — excepto contigo. E não por termos sido ambos comunistas, mas por termos passado juntos a mocidade. Porque nós... quando falávamos, era como... uma espécie de fraternidade, que se opunha à justiça de todo o mundo. Portanto, em nome dessa amizade, devia agora ser fiel a mim

próprio. E a verdade, Lou, a minha verdade, é eu pensar que o Partido é uma conspiração... deixa-me acabar! Acho que fomos vigarizados; aproveitaram a nossa ânsia de justiça em proveito de objectivos russos. E acho que não podemos continuar a voltar as costas à verdade só porque reaccionários a proclamam. O que proponho é tentarmos separar a amizade que temos um pelo outro deste pântano político. E nada disse que não tenhamos dito um ao outro nos últimos cinco anos.

LOU: Então... que propões?

MICKEY: Que voltemos juntos. Vem comigo e responde às perguntas.

LOU: Dizer... os nomes?

MICKEY: Sim. Falei com todos os outros na célula. Concordaram, excepto Ward e Harry. Excomungaram-me, mas já o esperava.

LOU (*atónito*): Deixa-me compreender... estás a pedir-me autorização para dizer o meu nome?

Pausa.

Não podes mencionar o meu nome.

Começa a tremer.

E se o fizeres, Mickey, estás a vender-me pela tua prosperidade. Se te servires do meu nome serei corrido. Vais arruinar-me. Vais destruir a minha carreira.

MICKEY: Lou, acho que tenho o direito de saber exactamente porque é que tu...

LOU: Porque se todos se renegassem não haveria civilização! Por isso é que essa assembleia é a imagem do Filistino! E pasmo que possas falar de verdade e justiça em relação a essa matilha de baixa publicidade! Nem uma sílaba me arrancam! Nem uma palavra da minha boca! Não... a tua casa de onze divisões, o teu carro, o teu dinheiro não valem isso. MICKEY (*crispado*): Isso é mentira! Não podes reduzir tudo a dinheiro, Lou! É falso!

LOU (*voltando-se para ele*): Só há aqui uma verdade. Estás apavorado! Eles compraram-te a alma.

Elsie aparece ao fundo a escutar. Louise entra e observa.

MICKEY (*zangado, mas dominando-se*): É a tua, Lou? Pertence-te toda, a tua alma?

LOU (*quase em lágrimas*): Como te atreves a falar da minha...?

MICKEY (*tremendo de fúria*): Tens de aguentar, se o queres engolir, ou não? Achas que és digno desse tom de elevado moralista?! Essa... integridade perfeita? Por acaso, lembro-me de quando voltaste da tua viagem à Rússia; e lembro-me de quem te fez atirar a tua primeira versão para dentro da minha lareira!

LOU (*quase a gritar depois de olhar Elsie*): Que ideia!

MICKEY: Vi-te queimar um livro verdadeiro e

escrever outro a dizer mentiras! Porque ela o exigiu, porque ela te ameaçou, porque ela se apoderou da tua alma.

LOU (*ameaçando com o punho*): Condeno-te! MICKEY: Mas pela consciência dela ou da tua? Quem me está a falar, Lou?

LOU: És um monstro!

Lou desata a chorar, vai para Elsie; fica perto dela; a cara desta expressa horror. À frente do palco, Mickey volta-se e olha Quentim a toda a distância do limite da luz, e lendo as intenções de Quentim...

MICKEY: Parece-me que queres outra pessoa para tomar conta do teu caso.

Pausa.

Quent...

Quentim, indeciso, mas não o contradizendo, volta-se para ele.
Adeus, Quentim.
QUENTIN (*em tom mortuário*): Adeus, Mickey. Acho que é um erro.

Mickey sai.

ELSIE: Ele é um idiota moral!

Holga entra pelo fundo. Quentim volta-se para Elsie; qualquer coisa, talvez no olhar dele ou no fundo do seu pensamento, fá-la fechar mais o roupão. E para Quentim...

Isto é incrível!

Louise sai.

QUENTIN (*calmamente*): Sim.

ELSIE: Depois duma amizade destas! Tanta amizade entre ambos! E depois de tantos anos!

Vai para Lou. Levanta-o e leva-o para fora.

QUENTIN (*observa-os a sair*): Como ela o ampara ternamente, agora que ele está arruinado.

Para o Auditor:

Que procuro eu? Uma singela constância, que não existe nem nunca existiu?!

Holga aparece de repente com flores ao pé da torre.

HOLGA: Era um idiota. Mas debrucei-me sobre aquela cara lacerada e foi horrível... mas beijei-a. Ao fim há que abraçar a própria vida, Quentin.

QUENTIN (*para o Auditor, enquanto Holga desaparece*): Como?!

Louise aparece, desce para ele e ele afasta-se pesaroso.

LOUISE: Estou a procurar compreender porque ficaste tão zangado comigo na festa daquela noite.

Quentin está sentado, calado, ansioso. Ela continua como se ele lhe tivesse respondido.

Mas há uma razão; cada vez que começo a ser eu, isso parece ameaçar-te. Gostarias mais que passasse a noite inteira sem abrir a boca, como costumava?

QUENTIN (*deita-lhe um olhar como um homem que está a meditar e de repente fala alto*): Deixa-te disso.

Para o Auditor.

Embora talvez nisto haja verdade.

LOUISE: Começo a pensar que não queres que eu seja feliz. Que queres tu, vingança? Só porque eu...

Ela levanta-se para contestar. Ela continua, como se ele tivesse respondido, e nega violentamente.

Nunca disse que estava «a planear um divórcio», não foi assim que isso começou, Quentin. E não era caso para fazer um homem armar em médico com a primeira garota que apanhasse à mão!

QUENTIN (*já não pode evitar a reminiscência, ou deixá-la por resolver*): Que dose de vergonha queres que eu sinta? Odeio o que fiz, mas creio tê-lo explicado; senti-me um zero e servi-me dos únicos meios que conhecia para...

LOUISE: É exactamente isso o que quero dizer; ainda estás a defender-te.

QUENTIN: Que queres que faça, viver o resto da vida de joelhos? Nada fiz em todo o ano senão procurar mostrar o que penso de ti. Viste isso ou não?

LOUISE: E lamentas esses minutos. Julgas que sou cega?

QUENTIN: ...Esta bem, já não nego, mas irrita-me estar eternamente a ser julgado. Detesto isso! Isso da rapariga já lá vai há um ano. Quando acaba esta retaliação?

LOUISE: Quando tomas a responsabilidade do que fazes e acabas com essa inocência imaculada?

QUENTIN: Inocência! Culpo-me de tudo, não achas flagrante?

LOUISE: Com franqueza...

QUENTIN: Sim, «com franqueza». Mesmo quando me voltas as costas na cama, eu...

LOUISE: Nunca te voltei as...

QUENTIN: Voltaste-me as costas na cama, por Louise, não estou doído! E até disso me culpo, por não te saber dominar!

Ela fica calada, parecendo mesmo impressionada. Ele toma alento.

Não haverá forma de deixar de atribuir culpas? LOUISE: Queres dizer uma forma de tu fazeres o que te apetece e eu aceitar tudo? Não! Não sou nenhuma nódia, nem sou a tua mãe, a elogiar tudo o que fazes; sou uma pessoa à parte!

QUENTIN (*olha fixamente para ela, e para além dela*): Vejo isso agora.

LOUISE: Não é crime nenhum! Se fores adulto e crescido!

QUENTIN (*pausadamente*): Não deve ser. Mas deixa-me atónito. De facto, tive a mesma ideia quando vi que Lou tinha ido ter com os seus antigos alunos e nenhum o aceitava...

LOUISE: Que tem Lou a ver com isto? Acho admirável que tu...

QUENTIN: Sim, mas estou a fazer o que chamas uma coisa admirável, por não tolerar ser... uma pessoa à parte. Deve ser isso. Não quero ser conhecido como advogado comunista; e também não quero ser comido vivo pelos jornalistas; mas quando esse homem decente, que nunca quis outra coisa senão o bem do mundo, está sentado na minha frente, amarranhado... não posso dizer que os meus interesses já não são os dele, e que, se ele não muda, o renego, por sermos pessoas à parte!

LOUISE: Estás completamente baralhado! O caso de Lou nada tem...

QUENTIN (*agarrando o seu pensamento*): Est-tou a contar-te a minha confusão! Acho que Mickey também se tornou uma pessoa à parte...

LOUISE: És incrível!

QUENTIN: Penso na minha mãe, acho que ela também se tornou...

LOUISE: Estás a identificar-me com...?

QUENTIN: Louise, estou a pedir que me expliques isto, porque é nestas alturas que fico cego! Quando acaba por se ser à parte, que diabo acontece? LOUISE (*com orgulho indeciso*): Maturidade. Saber que outra pessoa, além de si própria..., existe.

QUENTIN (*indagando*): É, provavelmente, o sintoma dum caso típico de qualquer espécie, mas juro, Louise, se alguma vez viesses ter comigo, de livre vontade, e me dissesse que qualquer coisa, qualquer coisa importante, era da tua culpa e que o lamentavas... seria um céu aberto.

Ela fecha-se no seu orgulho, recusando ser outra vez rebaixada.

Louise?

LOUISE: Santo Deus! Que idiota!

Sat.

QUENTIN: Louise...

Olha os seus papéis, as luzes mudam. Ouve-se música animada. Transeuntes anónimos aparecem e sentam-se ou deitam-se ao acaso.

Como são poucos os dias em que o espírito se fixa; como quatro ou cinco pregos a segurar uma tapeçaria. Especialmente no dia em que se deixa de transformar, simplesmente. O que devia ser anda longe; o que é anda perto. Até o banco no jardim acaba por parecer importante, e uma palavra, «agora», gera toda uma promessa no mundo.

Uma velha atravessa, com um papagaio engaiolado.

Só faltava uma mulher a passear um papagaio. Que

irá acontecer quando ela morrer? Tudo tem consequências inesperadas...

Uma rapariga em «tweed» passa a ler um livro.

e que corajosa tem de ser uma mulher caseira! Disciplinar-se para não largar fogo ao Museu de Arte.

Um preto aparece e pede lume.

E como consegue andar tão cuidadoso, com a casa de banho no quarto andar? Deve ficar furioso quando faz a barba.

Sózinho.

E que me terá feito pensar ao fim do dia que tinha fatalmente de ir para casa?

Maggie aparece, procurando alguém, enquanto Quentin se senta no «banco do jardim».

Mas há uma verdade: pele amorosa, simétrica, inigualável.

MAGGIE: 'Esculpe, viu um homem com um cão grande?

QUENTIN: Não. Mas vi uma mulher com um pássaro pequeno.

MAGGIE: Não, não é ele. É aqui a paragem do autocarro?

QUENTIN: Sim, a placa diz...

MAGGIE (*senta-se ao lado dele*): Estava ali sen-

LOUISE (*aparecendo*): Não falas a uma mulher

Ela encolhe os ombros. Pausa. Ele olha para ela à espera do autocarro. Ela muda mais tem a dizer.

que tinhas um frigorífico.

QUENTIN: Sim. Deve ser isso. Se calhar pensou

tar, mas nem sequer tenho frigorífico.

dum cão. E realmente gostava, se o pudesse susten-

MAGGIE: Provavelmente pensou que eu gostasse

QUENTIN: Há lá muito que ver, não há?

MAGGIE: Pra Baixa.

QUENTIN: Para onde?

MAGGIE (*pensa*): Bem, podia ir pra lá.

Para onde queres ir?

QUENTIN: Quinta Avenida. E do lado da Baixa.

autocarro é este?

Nem me parece que consistam cães onde moro. Que

MAGGIE: Como podia eu sustentar um cão?

QUENTIN: Mas queres o cão?

sava e achou que podia ter um cão à borla.

ele. Parece-me que o outro homem viu o que se pas-

MAGGIE: Mas talvez quisesse que eu ficasse com

QUENTIN: Mas é evidente que ele não o quer.

rece-me que o cão é do primeiro homem.

embora. Mas não me parece que seja o cão dele. Pa-

este outro homem chegou e pegou na trela e foi-se

quis ir atrás dele mas o cão não se mexia. E depois

gou-me a trela na mão e foi-se embora, de forma que

tada e um homem veio com esse cão grande e pespe-

a cabeça, isso é.

QUENTIN: Sim. Bem, é um prazer ver-te dos pés

só me via a cabeça atrás do postigo.

ser que nunca me viu completamente. Quero dizer,

MAGGIE (*m*): Ora o que deve ter pensado! Deve

QUENTIN: Não tinha ideia.

falar consigo?

MAGGIE: Julgou que eu vim assim e comecei a

das chamadas.

QUENTIN: É verdade! Às vezes tomas nota

Aponta para si.

MAGGIE: Isso! Maggie!

cepção!

QUENTIN (*um instante*): Ah! Na sala de re-

MAGGIE: Todas as manhãs lhe aceno pela janela.

QUENTIN (*surpreendido*): Eu?

Não se lembra de mim?

Ri.

MAGGIE (*como se ele devesse saber*): No P. B. X.

QUENTIN (*com esforço*): Que fazes?

Olha novamente para Maggie.

Quentin debruça-se, tensamente, braços apoiados nos joelhos.

Desaparece na escuridão.

«processo» é falar consigo?

qualquer como mulher! Mas achas que ler o teu

MAGGIE (ri): Volta ainda ao trabalho esta noite?

QUENTIN: Não, estou só a descansar uns minutos.

MAGGIE (sentindo o seu isolamento): Ah!

*Ela olha ao acaso. Ele percorre-lhe o corpo com o olhar.
Maggie levanta-se.*

Aquele autocarro é o meu?

QUENTIN: Não sei bem para onde queres ir.

Um homem aparece, fita-a, olha para o autocarro, volta a fitá-la.

MAGGIE: Ando à procura duma loja com saldos; comprei um gramofone mas só tenho um disco. Até à vista!

Começa a ir para trás, na direcção do homem.

HOMEM: Há uma na esquina da Vigésima Sétima e da Sexta Avenida...

MAGGIE (volta-se, surpreendida): Obrigada!

QUENTIN: Há uma loja de discos aqui à esquina, sabes...

MAGGIE: Mas tem saldos?

QUENTIN: Bem, todas têm saldos...

HOMEM (passando-lhe a mão por baixo do braço): O quê, dez por cento? Vem cá, cara linda, arranjo-te facilmente cinquenta por cento.

MAGGIE (para o homem, começando a andar): Ai, sim? Mas um Perry Sullivan...?

HOMEM: Ouve, eu dou-te... dou-te dois Perry Sullivans; vem daí!

MAGGIE (para, percebendo de repente as intenções, tira o lenço, anda para trás): 'Esculpe, eu... eu... esqueci-me duma coisa.

HOMEM (procurando agarrá-la): Ouve, dou-te dez discos.

Ohama.

Aguenta aí!

Agarra-a.

Vem daí!

QUENTIN (indo para ele): Eh, lá!

HOMEM (larga-a e para Quentin): Some-te!

Afasta-se apressado.

Espera, aguenta aí!

Quentin olha o autocarro passar, depois volta-se para ela, que está distraída a compor o cabelo mas com uma expressão estranhamente apática...

QUENTIN: Desculpa, supus que o conhecesses.

MAGGIE: Não. Nunca o vi.

QUENTIN: Então... porque ias com ele?

MAGGIE: Ele disse que conhecia uma loja. Onde é a que você disse?

QUENTIN: Tenho de pensar um instante. Deixa

ver...
MAGGIE: Posso sentar-me consigo? Enquanto pensa?

QUENTIN: Com certeza!

Voltam para o banco. Ele espera que ela se sente; ela nota a deliquadência, olha para ele e senta-se. Depois olha-o de frente, por qualquer razão, admirada.

Isto aconteceu muitas vezes?

MAGGIE: Bastantes vezes.

QUENTIN: E por falares com eles.

MAGGIE: Mas, se eles me falam, tenho de res-

ponder.

QUENTIN: Se eles são malcriados, não. Volta-

lhes as costas.

MAGGIE (*pensa nisto e, indecisa...*): "Tá bem...

Como que remotamente captando um outro mundo, o mundo dele.

e obrigado... por ter intervindo.

QUENTIN: Qualquer pessoa o teria feito.

MAGGIE: Não, os outros riem-se. Para eles sou

uma anedota. Você vai ficar aqui muito tempo?

QUENTIN: Só uns minutos. Estou a caminho de

casa... não costume fazer isto.

MAGGIE: Não? Mas parece estar habituado.

Assim horas sentado, debaixo destas árvores... só a pensar.

QUENTIN: Não. Habitualmente vou logo para

casa.

Sorri.

Fui sempre direito a casa.

MAGGIE: Vê, ainda estou a pagar o gramofone, e não vendem discos a prestações, sabe.

QUENTIN: Se calhar têm medo que se gastem.

MAGGIE: Deve ser isso! Sempre me fez confu-

são. P^{ro}que *pode-se* ter gramofones. Como sabia

isso?

QUENTIN: Estou só a supor.

MAGGIE (*m*): Nunca penso nessas coisas! A

maior parte das vezes não sei porque as fazem!

Éi ainda mais. Ele também.

Tinha uns dez ou vinte discos em Washington, mas o meu amigo adoeceu, e eu tive de ir-me embora.

Pausa. Pensa.

A família dele vivia mesmo ali em frente, na Avenida Parque.

QUENTIN: Está melhor?

MAGGIE: Morreu.

Vem-the lágrimas aos olhos.

QUENTIN (*absolutamente perplexo*): Quando foi isso?

MAGGIE: Sexta-feira. Lembra-se que nesse dia fecharam o escritório?

QUENTIN: O quê...

Pasmado.

...o juiz Cruse?

MAGGIE: Sim.

QUENTIN: Não sabia que tu...

MAGGIE: Sim.

QUENTIN: Era um grande advogado. E também foi um grande juiz.

MAGGIE (*limpando as lágrimas*): Era muito bom para mim.

QUENTIN: Estive no funeral, mas não te vi.

MAGGIE (*com dificuldade, por entre lágrimas*): A mulher dele não me deixou ir. Entrei no hospital antes de ele morrer. Mas a família correu comigo... eu ouvia-o chamar, «Maggie... Maggie!»

Pausa.

Eles ofereciam-me mil dólares. Mas eu não queria nada, só queria dizer-lhe adeus!

Abre a mala, tira um sobrescrito do escritório e abre-o.

Tenho um punhado da terra. Vê? É da campa dele. O motorista dele levou-me de carro, Alexandre.

QUENTIN: Gostavas muito dele?

MAGGIE: Não. Até o deixei várias vezes.

QUENTIN: Porque não o deixaste completamente?

MAGGIE: Ele não queria.

QUENTIN: Ah!

Pausa.

E então, que vais fazer agora?

MAGGIE: Gostava de arranjar aquele disco, se soubesse onde há saldos...

QUENTIN: Não, quero dizer, duma forma geral.

MAGGIE: Porquê, agora vão despedir-me?

QUENTIN: Isso não sei...

MAGGIE: Se bem que não me preocupe porque posso sempre voltar ao cabelo.

QUENTIN: Onde?

MAGGIE: Costumava fazer demonstrações de penteados.

Ri, e com um frasco imaginário borrija o cabelo.

Sabe?, em grandes salões! Uma vez quase fui à TV.

Põe a cabeça debaixo do queixo dele.

É por ter o cabelo muito farto, sabe? Tenho o cabelo da minha mãe. E não está espigado. Viu que não tenho cabelos espigados? A maior parte das mulheres têm o cabelo espigado. Pegue aqui, veja como...

Pega-lhe na mão e leva-a à cabeça, mas de repente largá-a...

'Esculpe!

QUENTIN: Não faz mal!

MAGGIE: Julguei que o quisesse apalpar.

QUENTIN: Com certeza.

MAGGIE: Então vá. Se quiser, claro.

Inclina-se novamente para ele, que lhe toca no cabelo.

QUENTIN: E realmente muito macio!

MAGGIE (*orgulhosamente*): Uma vez passei de

penteado curto a penteado farto em menos de dez

minutos.

QUENTIN: Que te fez desistir?

MAGGIE (*um estudante olha para ela*): Come-

garam a mandar-me a reuniões e tudo. Para distrair

pessoas, sabe...

QUENTIN: Ah, sim.

MAGGIE: Havia partes que... já não gostava.

Olha um estudante sentado perto.

São mesmo uns amores quando levantam os olhos

dos livros!

O estudante vai-se embora, embarracado. Ela volta-se com uma gargalhada para Quentin. Um relógio da oito horas numa torre distante.

QUENTIN: Bem, agora tenho de ir andando!

MAGGIE: 'Esculpe ter posto a sua mão na minha

cabeça.

QUENTIN: Não tem importância... não sou

assim tão mau.

Ri, baixinho, embarracado.

MAGGIE: Mas se é assim, que mal tem isso? Quero dizer, se você é tímido... é como é.

Pausa. Olham um para o outro.

QUENTIN: És muito bonita, Maggie.

Ela sorri, emperdigando-se como se as palavras a tivessem penetrado.

E gostava que soubesses tomar conta de ti.

MAGGIE: Oh...

Aguarda no vestido rasgado.

Rasgou-se no autocarro esta manhã. Vou cosê-lo em casa.

QUENTIN: Não falo nisso.

Ela olha de novo os seus olhos, parece cativada.

Não é que eu esteja a criticar-te. Nada disso. Comprendes?

Ela confirma, olhando-o estasiada.

MAGGIE: Compreendo. Parece-me que vou dar uma volta pelo parque.

QUENTIN: Não devias. Está a escurecer.

MAGGIE: Mas é lindo, de noite. Dormi lá uma vez que estava calor no meu quarto.

QUENTIN: Não me digas que vais fazer isso. A maior parte dos animais destas paragens não estão no Jardim Zoológico.

MAGGIE: 'Tá bem. Então vou arranjar o disco. 'Eculpe se ficou maçado com a história do cabelo.

QUENTIN (ri): Não fiquei.

MAGGIE (toca no topo da cabeça): É só por não estar espigado.

Ele acena com a cabeça.

Vou coser isto em casa...

Acena novamente a cabeça e ela indica o parque no fundo do palco.

Não quis dizer dormir ali. Só adormeci.

Rapazes levantam-se agora e observam-na.

QUENTIN: Compreendo.

MAGGIE: Bem... até à vista!

Ri.

Se não me despedirem!

QUENTIN: Adeus...

Ela passa por dois homens, que a seguem passo a passo, segredando-lhe ao ouvido. Ela não se volta nem responde. Um grupo de homens começa a cercá-la. Quentin, angustiado, vai e afasta-a.

Maggie!

Ele tira uma nota do bolso.

Toma, porque não vais de táxi? Sou eu quem paga. Anda, está ali um!

Apona e assobia.

Vai apanhá-lo!

MAGGIE: Onde... pra onde lhe digo pra ir?

QUENTIN: Tens aí que chegue.

MAGGIE: 'Tá bem, adeus!

A sair.

Você... você vai descansar mais um bocado?

QUENTIN: ...Não sei.

MAGGIE: Ena, que bom!

Os homens olham para o táxi e vão-se embora. Louise entra por entre eles, continuando para o seu lugar na frente do palco. Maggie levanta-se, vai para a segunda plataforma e deita-se como antes. Quentin vai para Louise, fica um pouco atrás e fita-a com optimismo. Ela fica a ler, sem o notar.

QUENTIN: Sim. Ela tem pernas, peito, boca,

olhos... Que linda! Uma mulher que me pertence!
Que maravilha! Na minha própria casa!

Avança para ela, debruça-se e beija-a. Ela olha, prendida, perplexa.

Ola.

Ela continua a olhar para ele, sentindo-se num céu aberto.
Que aconteceu?

Ela ainda não fala.

Então, que aconteceu?
LOUISE: Nada.

Ela volta ao livro. Ele fica de pé a observar, atônito, desampado, depois abre a pasta e começa a tirar papéis.

Fecha a porta se vais escrever à máquina.

QUENTIN: Faça-o sempre.
LOUISE: Nem sempre.

QUENTIN: Quase sempre.

Sorri, descontrado, mas ela não acha graça e volta outra vez ao livro. Ele dirige-se para o quarto, pára.

E se comêssemos fora amanhã à noite? Antes da reunião dos pais?

LOUISE: Que reunião dos pais?
QUENTIN: A escola.

LOUISE: Isso foi esta noite.

QUENTIN (*atrapalhado*): Ai sim?

LOUISE: Claro. Cheguei agora de lá.

QUENTIN: Porque não me lembraste quando te

telefonei? Sabes que muitas vezes me esqueço dessas coisas. Disse-te que queria falar com a professora dela.

LOUISE (*um tudo-nada mais rápida*): As pessoas fazem o que querem fazer, Quentin.

Um grito involuntário.

E dissesse que tinhas trabalho esta noite!

Volta ao livro.

QUENTIN: Não trabalhei.

LOUISE (*continuando com o livro*): Eu sei que não trabalhaste.

QUENTIN (*surpreendido*): Como soubeste?

LOUISE: Para começar, Max telefonou para cá às sete e trinta.

QUENTIN: Max? Para quê?

LOUISE! Parece que toda a assembleia executiva estava no escritório dele à espera de te encontrar esta noite.

Ele leva a mão à cabeça, com franco alarme no rosto.

Telefonou três vezes, de resto.

QUENTIN: Meu Deus, eu...! Como pude fazer isso? Qual é o número da casa dele?

LOUISE: A lista está no quarto.

QUENTIN: Devíamos discutir o caso de Lou. DeVries ficou na cidade esta noite só para... arrumar o assunto.

Interrompe.

Qual é o número de Max, Judson 6... qual é?

LOUISE: A lista está ao pé da cama.

QUENTIN: Lembras-te, Judson 6 qualquer coisa.

LOUISE: Está na lista.

Pausa. Perplexo, olha para ela.

Não sou ficheiro dos teus números de telefone. Podes lembrar-te deles tão bem como eu. Não te sirvas desse telefone, vais acordá-la.

QUENTIN (*volta-se*): Não tencionava fazer dali a chamada.

LOUISE: Julguei que fosse particular.

QUENTIN: Não há nisto nada de «particular». É o nosso pão. A assembleia foi convocada para decidir se eu me devo desligar da firma até o caso de Lou estar resolvido, ou para sempre, sei lá!

Lembra-se do número e vai para o telefone.

Já sei: Judson 6...

Ela vê-o ir para o telefone. Ele pega no auscultador, começa a marcar um número... e ela, muito contrariada:

LOUISE: Esse é o número antigo.

QUENTIN: Judson 6-9178.

LOUISE: Mudou de número.

Um momento.

LT 3-0972.

QUENTIN (*ela não está de frente para ele; ele sente o que supõe ser a vitória*): Obrigado.

Começa outra vez a marcar, pousa o auscultador. Ela está sentada; há um leve indício de frustração da sua parte.

Não sei o que hei-de dizer.

Ela fica calada.

Tínhamos combinado voltar todos depois do jantar. Vai parecer estúpido eu ter-me esquecido.

LOUISE (*com incisão*): Estavas tão amedrontado?

QUENTIN: Acho que sim. Ele disse hoje uma coisa tremenda, o Max. Estava a tentar fazer-me abandonar Lou, e eu disse: «Devemos evitar adotar novas atitudes só porque há histeria no país». Nunca olhou assim para mim — como se estivéssemos de repente em duas montanhas distantes; e retorquiu: «Não tenho conhecimento de nenhuma histeria. Pelo menos neste escritório».

LOUISE: Mas porque te admiras disso? Max não vai comprometer a firma dele para defender um

Esta noite encontrei uma rapariga. Passou, por acaso, uma das telefonistas do escritório. Talvez não devesse dizer-te, mas digo. Uma garota parva, muito estúpida. Dorme no parque, tinha o vestido rasgado. Disse umas coisas ridículas. Mas uma coisa impressionou-me: não estava a defender nada, a ocultar nada, ou a acusar; estava simplesmente *ali*, como uma árvore ou um gato. E senti-me estranhamente abstracto ao pé dela. E vi que nos estamos a matar com abstrações. Estou a defender Lou porque gosto dele, no entanto a sociedade transforma essa amizade numa espécie de traição, a que se chama um «caso», e eu acabo por ser suspeito e odiado. Porque não podemos nós falar num tom baixo dos «casos» com a nossa verdadeira incerteza? Cheguei agora mesmo a casa e tinha um desejo tremendo de vir para ti. E tu para mim. Parece absurdo, mas esta cidade está cheia de gente a correr para se encontrarem uns com os outros. Esta cidade está cheia de amantes.

LOUISE: E que disse ela?

QUENTIN: Parece-me que não te devia ter con-

tado isto.

LOUISE: Porque não?

QUENTIN: ...Louise, já não sei o que é permiti-

tido dizer.

LOUISE (*abana a cabeça*): Não sabes o que has-

de ocultar.

comunista. Tu tens tendência para fazer das pessoas tuas parentes. Se sentes tanto o caso de Lou, podes ter de pedir a demissão. Nem sempre se podem tomar dois caminhos.

QUENTIN (*pausa*): Achas que devia pedir a

demissão?

LOUISE (*acenando a cabeça com ênfase*): Tens

de decidir o que sentes por um determinado ser humano, é só isso. Por uma vez na vida. E então talvez decidas o que sentes por outros seres humanos.

Clara e decisivamente.

QUENTIN: Por outras palavras... onde estive

esta noite.

LOUISE: Não me interessa onde estiveste esta

noite.

QUENTIN (*pausa*): Estive um bocado sentado

no parque. E pensei isto.

Com dificuldade.

Não durmo com outras mulheres, mas aparento

fazê-lo.

Ela está a ouvir; ele observa isso e anima-se de esperança.

Talvez eu provoque a tua suspeita para... para

descer dum poleiro, para deixar de julgar os outros

tão perfeitamente. Porque eu julgo, e ásperamente,

quando atinhal sinto dúvida. Não sei se não deixei

aquela carta para tu leres, sobre aquela rapariga...

para... no fundo começar a ser real.

QUENTIN (*irritando-se*): Está bem, não oculte-
mos nada; teria sido fácil fazer-lhe amor...

Louise ruborizada, fica rígida.

E não o fiz porque pensei em ti duma maneira
diferente... como uma pessoa que eu nunca tivesse
conhecido. E, como por milagre, estavas à minha es-
pera, na minha própria casa.

LOUISE: Que queres, os meus parabéns?

QUENTIN: Louise, queixas-te de que nunca me
abro contigo, e quando o faço...

LOUISE (*ri*): És incrível! Supõe que eu chegava
a casa e te dizia que tinha encontrado um homem
na rua com quem queria ir para a cama... porque
ele... sugeria uma cidade repleta de amantes.

QUENTIN (*de olhos abertos, reconhecendo o
ponto de vista dela e o seu próprio egoísmo*): Com-
preendo. Desculpa. Também ficaria zangado mas ve-
ria que estavas a lutar... e perguntaria a mim pró-
prio — talvez até tivesse a coragem de te perguntar —
como é que *eu* tinha falhado.

LOUISE: Bem, estás a despedir-me; registo o
recado.

Levanta-se para sair.

QUENTIN: Louise, nunca duvidas de ti? Será
suficiente provar um caso, até mesmo ganhá-lo...

Grita

quando estamos a morrer?!

*Mickey entra e chega à beira do palco. Elsie entra na segunda
plataforma e abre o roupão como antes.*

LOUISE (*volta-se, perfeitamente contida*): Não
estou a morrer. Não fui eu quem provocou o rompi-
mento. E é tudo. É o que tem sido nos últimos três
anos. Tu não me queres.

Sai.

QUENTIN (*para o Auditor*): Meu Deus! Isto
será verdade?

MICKEY: Só há uma coisa que te posso dizer,
pá: nunca sejas culpado.

QUENTIN: Sim!

Buscando força, vira-se para cima.

Sim!

Mas a sua convicção vacila, volta-se para a visão.

Mas se tivesses sentido mais culpa, talvez não ti-
vesses...

ELSIE (*fechando o roupão*): É um idiota moral!

QUENTIN: Sim! É isso! E no entanto... para
que serve a culpa, se apenas te deixa à mercê dos
que a não sentem?... Ou não serei eu culpado *bas-
tante*? Será agora esse o horror?

Louise entra com lençóis dobrados e uma almofada.

Obrigado... por me teres avisado. Sim, era. Boa noite... sim, até amanhã.

Desliga. Pausa. Fica a olhar fixo.

LOUISE: Que foi?

QUENTIN: Lou. Foi morto esta noite no Metro.

LOUISE (*falta-lhe o ar*): Como?

QUENTIN: Não sabem. Dizem que «caiu ou

saltou».

LOUISE: Não pode ser! A multidão deve tê-lo

empurrado!

QUENTIN: Não há multidão às oito horas. Eram

oito horas; deve ter sido ele.

LOUISE: ...Mas porque?... Lou *conhecia-se!* Sa-

bia o que *fazia!* E inconcebível!

QUENTIN: Quando o vi a semana passada, ele

disse uma coisa terrível. Fingi não ouvir.

Pausa. Ela aguarda.

Que, afinal, eu era o único amigo que tinha.

LOUISE (*espontaneamente*): Porque é que isso é

terrível?

QUENTIN (*com evasiva, quase sub-repticiamen-*

te): Porque sim. Não sei porque.

Com lágrimas nos olhos, vem para o Auditor

Não me atrevi a saber porque! Mas atrevo-me agora. Foi terrível, porque eu também não era amigo

LOUISE: Não quero dormir contigo.
QUENTIN: Louise, por amor de Deus!
~~LOUISE: Es repugnante!~~

QUENTIN: Mas de manhã a Betty vai ver...
LOUISE: Devias ter pensado nisso.

O telefone toca. Ele olha os lençóis e não se mexe para atender.

Deste-lhe este número?

Toca outra vez.

Deste-lhe este número?

Ela dirige-se ao telefone.

Está? Sim. Está aqui. Um momento, por favor.
QUENTIN: Não posso dormir aqui fora; não quero que ela veja.

Vai para o telefone com ar de ódio.

LOUISE: É o Max.

QUENTIN (*ao telefone*): Max? Desculpa, esqueci-me completamente. Não sei como explicar, passou-me completamente, sabes...

Pausa.

O rádio? Não, porque? O quê? Quando?

Longa pausa.

dele, e ele sabia isso. Teria aguentado até ao fim, mas detestava o perigo que isso representava para mim, e viu para além da minha fidelidade; e não me estava a dizer como eu era amigo dele, estava a rezar para que o fosse. «Por favor, Quentin, sê meu amigo», era o que ele me estava a dizer. «Estou a afogar-me, atira-me uma corda!» Porque eu queria esgueirar-me, para voltar a ser um bom americano, um tipo fixe... e provei-o na alegria... na alegria... na alegria que senti, agora que o perigo tinha extravasado na linha do Metro! Por isso não estranho...

A torre inunda-se de luz, e ele anda com os olhos postos nela.

Para mim isso não é aberração da natureza humana. Vejo os negociantes, perfeitamente normais, de charutos, os carpinteiros, canalizadores sentados a descansar de lancheiras; vejo-os fazer canalizações para esgotar o sangue deste edifício; bons pais, filhos devotos, gratos que outros morram, não eles, e como se pode compreender isso sendo-se inocente! Se não houver no esconso da alma nenhum cúmplice... dessa alegria, dessa alegria, dessa alegria quando um pesadelo cessa... e nos liberta?

Ouve-se o respirar de Maggie. Ele afasta-se dolorido, para junto dos lençóis e almofada no chão. Louise está no outro lado.

Tenho de dormir; estou muito cansado.

Baixa-se para apanhar os lençóis. Ela fez menção de apanhar a almofada.

LOUISE (*com grande dificuldade*): Eu... eu sempre me orgulhei por teres aceitado o caso de Lou.

Apanha os lençóis e a almofada; fica à espera.

Foi um acto... corajoso.

Está de pé, de mãos vazias, sem o olhar bem de frente.

QUENTIN: Ainda bem que pensas assim.

Mas também não se mexe. Os segundos estão a passar. Nem um nem outro cede ao pedido de desculpa, de perdão. Com dificuldade:

E que mo tenhas dito. Obrigado.

LOUISE: Mas és sincero... assim. Disse-te muitas vezes.

QUENTIN: Recentemente?

LOUISE: Boa noite.

Vai-se embora e ele sente a relutância com que ela sai.

QUENTIN: Louise, se há coisa que eu tenha procurado fazer é ser sincero contigo.

LOUISE: Não, tens procurado manter o fogo do lar e ver o mundo ao mesmo tempo.

QUENTIN: Portanto tudo o que sou é fingido e manhoso.

LOUISE: Tudo não, mas quase.

QUENTIN: E não há luta nenhuma. Não há dor nenhuma. Não há luta nenhuma para encontrar um caminho de regresso para ti?

LOUISE: Não é essa a luta.

QUENTIN: Então que estás aqui a fazer?

LOUISE: Eu...

QUENTIN: Por que diabo estás aqui a comprar-me-te, se és assim tão santinha?

Dito isto, levanta um punho fechado para ela, que recua, apavorada e estranhamente alerta: vê-se-lhe ter notado a violência abortada e fica hirta mas pronta a fugir.

LOUISE: Tenho estado à espera que a luta comece.

Ele fica atônito pela cativante sinceridade. Com um olhar directo para ela, volta-se e sai.

QUENTIN (*sózinho para si mesmo*): Meu Deus, haverá ainda mais? Haverá ainda pior?

Volta-se para o Auditor.

Vê bem, isto é que é incrível para mim. De repente, sabe Deus porque, julgava que ela ia es-tender a mão, e eu a minha, e rir, apagar tudo a rir, regressar a rir... ao rosto franco e querido que olhava o meu...

Para, olhando a distância. Louise olha para ele com orgulho, como anticamente.

Talvez seja por isso que eu vim; ainda não acredito em todo o ódio deste mundo!

Volta para o «seu quarto», os bengóis! Louise fol-se embora. Como um cão, para a cama do meu quarto! Que necessidade há disso? Então vai ter com ela, abre o coração, confessa a lascívia, o mistério das mulheres, diz tudo...

Dirige-se para onde ela saiu e pára.

Mas eu fiz isso. Portanto a verdade, afinal, pode ser meramente assassinada. A verdade matou Lou; destruiu Mickey. Então como vives? Uma mentira plausível? Mas isso só pode vir duma consciência limpa! Ou mortifera. Não ver o próprio mal é a grande força! E certeza também! Portanto mata a consciência. Mata-a.

Olha para onde ela saiu.

Sabe tudo, não admitas nada, escanhoa a barba, lembra aniversários, abre portas de carros, persegue Louise não com a verdade, mas com atengões. Se in-certo nas tuas horas, na cama se absoluto. E, assim, se um homem... e alista-te no mundo. E, de manhã, um punhal no coração da filhinha querida!

Vituperando para onde Louise saiu.

Putai!

Senta-se.

Vou dizer que estou constipado. Não quis contagiar a mamã.

Enojado.

Pah! Papápapápá.

Espirra, tenta falar pelo nariz.

Constipei-me no nariz, minha boneca...

Geme. Pausa. Olha especado. Ouve-se um avião a jacto. Um empregado de aeroporto aparece com duas malas, enquanto Holga, em traje de viagem, aparece à procura de Quentin! Um jacto distante levanta voo. Quentin olha o relógio e vem sentar-se na cadeira...

Seis horas, Catavento.

Agora olha para Holga, que está ainda à procura dele, como se fosse no meio duma multidão, na plataforma mais elevada.

É que a evidência é má para promessas. Mas que outra forma há de relacionar o mundo? E, no entanto, não devo esquecer como acordo; abro os olhos todas as manhãs como um garoto, mesmo agora; mesmo agora! Mas onde está a prova? Ou simplesmente será que o meu coração ainda bate?... Está bem, vai andando, que eu espero.

Segue com os olhos a saída do Auditor; levanta-se, segue-o à frente do palco.

Não te importas que eu fique? Embora na realidade, eu...

Ri.

só vim para dizer: olá!

Volta-se para a frente. Olha fixamente; fica mais descontraído, agora que está sozinho. Excepto por uma luz que o ilumina, o palco está às escuras. Depois vê-se a torre e, na segunda plataforma, Maggie junto dele. De repente ela levanta-se.

MAGGIE: Quentin? Quentin?

QUENTIN (*em agonia*): Hei-de conseguir, querida.

Fecha os olhos.

Hei-de conseguir.

Com um isqueiro junto do cigarro, faz faíscas.

Apagam-se as luzes.

SEGUNDO ACTO

O palco está ás escuras. Vê-se uma farsca, a seguir uma chama. Quando o palco se illumina, Quentim está a acender um cigarro — não se passou tempo nenhum. Continua a esperar que o Auditor volte, e entretanto ouve-se um avião a jacto e uma voz roufenha annunciar no aeroporto:

«...de Frankfurt, saída pela porta nove, passageiros é favor»; a voz torna-se indefinida e no mesmo momento Holga, lindamente vestida, entra no plano superior com um empregado do aeroporto que deixa as malas e sai. Ela olha em redor, como no meio de uma multidão, e ao ver Quentim põe-se em bicos de pés e acena.

HOLGA: Quentim! Aqui! Aqui!

Abre os braços quando ele se aproxima.

Olá! Olá!

Ele volta-se para o Auditor, que regressou, e desce o palco na sua direcção.

QUENTIN: Não tem importância, não me importe de esperar. Quanto tempo tenho?

Senta-se à beira do palco, olha para o relógio. Maggie aparece na segunda plataforma, num vestido de noiva com rendas; Lucas, um costureiro, está de joelhos a dar os últimos retoques. Carrie, uma criada preta, está ao pé a segurar o véu. Maggie, nervosa, mortificada, olha o espelho.

QUENTIN (para o Auditor): Parece-me que posso agora ser mais explícito.

MAGGIE (num êxtase de medo e esperança): Está bem, Carrie, diz-lhe que entre...

Como que experimentando uma palavra difícil.

...o meu marido!

CARRIE (dá uns passos e pára): Agora pode vê-la, Sr. Quentin.

Vão-se embora.

QUENTIN (continua para o Auditor): Estou pasmado com a morte do amor. E com a responsabilidade que me cabe.

Holga entra outra vez na área iluminada, procurando-o no aeroporto.

Esta mulher está do meu lado; não tenho dúvidas. E dela não suportaria outra acusação.

Holga acena e sai. Ele fica agitado.

Mas de repente começo a pensar por que razão ainda me arrisco. Talvez porque...

Felice e a mãe aparecem.

...às vezes faço o balanço da minha vida — numa fracção de segundo, com Maggie — e penso: «um homem atravessou esta névoa de louvor e censura, todo o bem e mal se desvaneceram, e nem absolvido nem condenado me vi a mim próprio. Perdi o sentido de regresso a essa visão, como se me tivesse precavido contra ela. Como se me agarrasse a qualquer força que receasse perder, e tenho de perder se alguma vez voltar a ver essa verdade.

Felice aproxima-se, preparando-se para tirar a ligadura.

Talvez por isso ela me esteja no pensamento.

Anda à volta dela, espreitando.

Bem, isto é força, não é? Influenciar uma rapariga a transformar o nariz, a própria vida? Sim, isto mete-me medo, e peço a Deus...

Felice levanta o braço.

...que ela me deixe de abençoar!

A mãe sai na plataforma superior. Ele ri, preocupado, surpreendido pela intensidade do seu receio.

Bem, deve ser por se tratar de uma fraude; não tenho poder para salvar ninguém.

Maggie aparece, a falar ao telefone, e dirige-se para a cama, ao centro.

MAGGIE (com tímida idolatria): «Tá lá? E...? Como sabe que sou eu?

Ri.

Lembra-se então de mim? Maggie! Do parque naquele dia? Bem, porque há quase quatro anos...

Ele afasta-se dela, deitada na cama. Ela continua a falar em surdina.

QUENTIN (para próximo da cadeira; olha Relíe e diz ao Auditor): Sim, de facto, vejo a semelhança.

Ouve-se risos quando Holga aparece, à mesa dum café, com uma cadeira vazia ao lado e o som dum violino pairando no ar.

HOLGA (para o lugar vazio ao lado dela): Gosto de te ver comer! Comes como um paxá, um grão-duque!

QUENTIN (olha para ela e para o Auditor): Sim, novamente adorado! Mas... há qualquer coisa de diferente.

Ao dirigir-se para Holga, diz para o Auditor:

Ajuda-me a seguir o meu tema, estava a falar sobre força.

Senta-se ao lado dela. Quando agora fala, o aspecto de Holga modifica-se; fica amuada, não olha para ele, parece ofendida. E, sentado ao lado dela, diz ao Auditor:

Estávamos uma tarde em Salzbürg, num café, e de repente, não sei porque, tudo parecia estar a morrer entre nós. E revivi tudo outra vez. Sabes, aquela altura em que se começa, desesperadamente, a falar de arquitectura?

HOLGA: 1535. Foi o próprio arcebispo quem fez o projecto.

QUENTIN: Lindo.
HOLGA (distante): Sim.
QUENTIN (toma coragem e volta-se repentinamente para ela): Holga. Esta manhã pareceu-me ver a tua almofada molhada.

HOLGA: Não é nada de importante.
QUENTIN: Não há lágrimas sem importância.
HOLGA: As vezes sinto...

Tem uma quebra e prossegue:

...que te aborreço.
LOUISE (entra ao cimo do palco): Não sou assim tão desinteressante, Quentín!
QUENTIN (olha fixamente para ela, procurando ligar o facto à visão perdida, e nesse estado de es-

pírito volta-se para o Auditor): A questão é ter força, mas eu perdi... Sim!

Levanta-se dum salto e rodeia Louise.

Digo-te que houve alturas em que ela olhava para o espelho e eu via que ela não gostava de se ver, e sentia que devia interferir entre ela e o seu sofrimento.

HOLGA: Talvez eu não seja assim tão interessante.

QUENTIN: Sentia-me culpado, até pela própria cara dela! Mas... com ela...

Volta para a mesa do café, e para Holga:

não era preciso... iludir-lhe a própria infelicidade. Vi que essa infelicidade lhe pertencia, como a minha me pertencia. E, de súbito, só havia entre nós boa vontade e um mistério.

HOLGA: Gostava que acreditasses em mim, Quentin; não tens aqui nenhuma obrigação.

QUENTIN: Holga, eu ia-me embora. Mas sei que amanhã andaria à tua procura.

A mãe entra e toma o lugar de Holga ao lado dele.

Mas há verdade no que sentes. Está a chegar o momento em que sinto dever partir. Não com um objectivo, ou longe de ti... mas há uma certa liberdade em partir...

MÃE: Querido, nunca há depressão para gente crescida! A primeira vez que te senti mexer estava na praia de Rockaway...

Quentin levanta-se.

QUENTIN (*olha a mãe*): Mas onde está a força desta leviandade?

MÃE: Vi uma estrela, tornou-se mais brilhante, e mais, e mais brilhante! E depois caiu, como se um grande homem tivesse morrido e te estivessem a tirar de mim para ocupar o lugar dele, e seres uma luz, uma luz no mundo!

QUENTIN (*para o Auditor*): Sim, é uma espécie de força. Mas o que a fará parecer tão traiçoeira?

PAI (*aparece, com Dan atrás dele. Diz à mãe*): Que raio estás tu a fazer? Vamos agora mesmo recomeçar, preciso dele!

Quentin volta-se ávidamente, de um para o outro, enquanto discutem.

MÃE: Tens o Dan, não precisas dele! Ele quer tentar arranjar emprego, talvez tirar um curso...

PAI: Ele tem emprego!

MÃE: Mas com ordenado! Não quero que desperdice a juventude. Ele quer ter uma vida!

PAI (*indicando Dan*): Porque não quer ele uma vida?

MÃE: Porque ele é diferente!

Onde quer que estejas, conta com esta família! Por-
tanto, mãos à obra... vou mandar-te uma lista de
livros para leres...

Mãe, pai e Dan desaparecem, dizendo adeus. Felice retirou-se.

MAGGIE (*sentada na cama; fala com um espaço
vazio aos pés*): Mas como os podia ler?

QUENTIN (*volta-se, apunhado de surpresa*):
Quê?

Todos os outros ficam no escuro excepto ele e Maggie.

MAGGIE: Quero dizer, que espécie de livros?
Pró que sabes... eu nunca cheguei a acabar o liceu.
Se bem que sempre gostasse de poesia.

QUENTIN (*desvia dela o olhar e desce rápi-
damente para o Auditor*): E que já não me consigo
identificar com esta futilidade.

MAGGIE (*cativante, na cama*): Custa-me acre-
ditar que tivesses vindo! Podes ficar cinco minutos?
Agora sou cantora, sabes? De facto,

Fi de si própria.

sou das três primeiras. E queria dizer-te há muito
tempo que... nada disso me teria acontecido se não
te tivesse encontrado naquele dia.
QUENTIN (*para o Auditor*): Porque falas de
amor? Agora só vejo a energia que ela me dava!
Esta bem,

Indica a mãe e Quentin ao mesmo tempo.

IKE: Porque ele sabe o que quer!

Vocês são da mesma espécie; que «querem» vocês?
Valha-me Deus, quando tinha a idade dele susten-
tava seis pessoas!

Vem para Quentin.

Que és tu, um desconhecido? Que és tu?
QUENTIN (*está a perscrutar a mudança na cara
do pai*): Sim, senti nascer uma força... e traíção
nela. Porque quando se falha volta-se as costas...

O pai sai com a mãe.

IKE: Preciso dele!
DAN: Não, pá, não penses nisso. Só quero vê-lo
outra vez bem alto, mas tu vai. Se as coisas se re-
compuserem, volto para a escola.

QUENTIN (*olha Dan de soslaio, que está a falar
com um Quentin imaginário*): Sim, homens bons fi-
cam... embora lá morram...

DAN (*indica um livro que tem na mão*): E o
meu Byron, vou metê-lo na tua mala; já lá pus a mi-
nha camisa escocesa nova, mas não a laves com água
quente. E lembra-te, pá, onde quer que estejas...

*Ouve-se um apito de comboio ao longe. Dan corre para a
segunda plataforma, chamando.*

Volta-se para ela, intrépido e resolutivo.

vou tentar.

Aproxima-se dela.

MAGGIE: Desculpa se pareci amedrontada ao telefone, mas não pensei que estivesse no escritório depois da meia-noite...

Ri dela própria, nervosamente.

Sabes, só queria fingir que te telefonava. Podes ficar uns cinco minutos?

QUENTIN (*senta-se na cadeira*): Claro. Não te apresses.

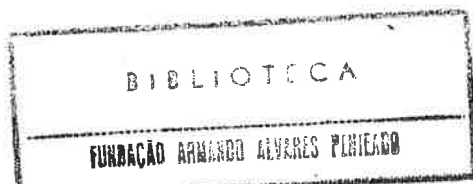
MAGGIE: É isso mesmo, sabes que tenho pressa! Queres uma bebida? ou um bife? Há cá dois frigoríficos. O meu agente foi pra Jamaica, de forma que estou aqui a passar esta semana, até ir para Londres, na sexta-feira. É o Palladium, assim género de variedades. É uma honra, mas estou com certo medo.

QUENTIN: Porquê? Eu ouvi-te; és maravilhosa. Especialmente na... «Little Girl Blue»! É enternecedora a maneira como a cantas.

MAGGIE: Ai sim? Sabes, não é que eu me diga, «vou parecer sexual», procuro apenas dar-me... como no amor ou...

Ri.

ainda não posso acreditar que estejas aqui!



QUENTIN: Porquê? Ainda bem que telefonaste; pensei muitas vezes em ti nestes últimos anos. Todos os teus êxitos me davam uma satisfação oculta, que não sei explicar.

MAGGIE: Talvez porque se devem a ti.

QUENTIN: Porque dizes isso?

MAGGIE: Não sei, foi a maneira como olhaste para mim. Antes desse dia nem sequer tinha tido coragem de ir ter com um empresário.

QUENTIN: *Como é que olhei para ti?*

MAGGIE (*encolhe os ombros; num mistério*): Como... de dentro de ti *próprio*. A maior parte das pessoas... só olha para a gente. Sabes... para muitos, não passo duma anedota.

QUENTIN: É por dizeres o que pensas, Maggie. Não pareces esconder nada, não tens... vergonha do que és.

MAGGIE: Que... queres dizer com o que sou?

QUENTIN (*apercebe-se de que tocou um nervo. Louise levanta os olhos, está a jogar paciências*): Bem... que gostas da vida, e... é difícil definir, eu...

LOUISE: A palavra é pega. Mas que importância tinha isso, se ela te adulava?

QUENTIN (*para o Auditor, perto de Maggie*): Há verdade nisso. Não tive o elogio duma mulher, nem sequer duma rapariga, de quem ri com os outros...

MAGGIE: Mas tu não riste?

Ele volta-se para ela em agonía.

Pois não?

QUENTIN: Não.

Levanta-se de repente e grita para o Auditor. Ela está a servir bebidas.

Impostor! Desde os primeiros cinco minutos... Por-
que! Devia ter concordado que ela era uma ane-
dota, uma boa lasca, procurando tomar-se a sério!
Porque lhe menti, fazendo este papel de misero ben-
feitor, este...

Escuta e, contrafeito, volta-se para ela.

MAGGIE (*serve-lhe uma bebida*): Como quando
me dissesse para arranjar o rasgão no vestido? Que-
rias que eu me orgulhasse de mim. Não era?
QUENTIN (*admirado*): Parece-me que sim...

queria.

Para o Auditor:

Juro que queria! A fraqueza dela lacerava-me o
coração!

Ela vem oferecer-lhe um copo.

Obrigado!

Olha em volta com o copo na mão.

Que vem a ser tantas flores?

MAGGIE (*deita uma bebida para ela*): Ah, é
esse palerma do príncipe, ou rei, ou lá que é ele. Está
sempre a mandar-me um contrato... em que recebo
cem mil dólares se um dia nos divorciarmos. Seria
como uma rainha, ou coisa no género, mas só o encon-
trei uma vez no El Morocco!

It.

Também dizem que sou amante dele! Não sei por-
que publicam coisas dessas.
QUENTIN: Toda a gente te quer agora atingir,
acho eu.
MAGGIE: A saúde!

Ambos bebem, ela faz uma careta.

Detesto o gosto, mas adoro o efeito! Queres tirar
os sapatos? Só para descansares.
QUENTIN: Estou bem. Pareceu-me, ao telefone,
haver qualquer coisa a preocupar-te.
MAGGIE: Tens de ir já para casa?
QUENTIN: Estás aqui sozinha?

MAGGIE: Não há novidade. Olha, sabes? O
mês passado recortei o teu retrato dum jornal.
Quando estavas a defender aquele reverendo Harley
Bornes, em Washington!

*Tira de debaixo do travesseteiro uma pequena fotografia emol-
durada.*

Vês? Emoldurei-a!

QUENTIN: Estás preocupada, Maggie?

MAGGIE: Não, é só por estares aqui! É curioso como encontrei isto. Tinha ido ver o meu pai.

QUENTIN: Ele agora deve estar muito orgulhoso de ti.

MAGGIE (*ri*): Não, foi-se embora quando eu tinha dezoito meses, sabes?, p'roque dizia que não era dele, embora a minha mãe dissesse que era. E agora estão sempre a entrevistar-me, e não sei o que dizer; quando perguntam onde nasci, e tudo. Por isso pensei que se ele me visse, sabes, nem que fosse só... olhar para mim. Não posso explicar.

QUENTIN: Talvez assim saibas quem és.

MAGGIE: Sim! Mas ele nem sequer me falou ao telefone; disse: «Fala com o meu advogado», e desligou. Mas no comboio lá estava o teu retrato, ali mesmo no assento, a olhar para mim. E eu disse: «Já sei quem sou! Sou amiga do Quentin!» Mas não te apoquentes por isso; quero dizer, podias ser amigo de qualquer pessoa, não podias?

QUENTIN (*após ligeira pausa*): Sim, Maggie, eu posso ser amigo de qualquer pessoa. Mas tu és tão bonita — e não me refiro só à tua cara e ao teu corpo.

MAGGIE (*com uma inexplicável subida de tensão*): Nem precisavas de voltar a ver-me. Faria tudo por ti, Quentin — és como um deus!

QUENTIN: Mas qualquer pessoa te teria dito para coser o vestido.

MAGGIE: Não, tinham rido, ou procuravam aproveitar-se. Bem sabes.

QUENTIN (*para o Auditor*): Sim! É tudo tão claro — a honra! A honra era eu não ter tentado ir com ela para a cama! Ela tomou isso como tributo ao seu «valor» e eu apenas tive medo! Meu Deus, a hipocrisia! Mas porque falas de amor?!

MAGGIE: Olha! Sabes o que fiz por tua causa?

Ele volta-se para ela.

Estava a baptizar um submarino, no estaleiro de Groton, por ter sido eleita favorita de todo o pessoal, e obriguei-os a trazer dez operários para cima do estrado, porque eles é que o construíram, não foi? E sabes o que disse o almirante? Para eu ter cuidado, ou dava em comunista. E de repente pensei em ti, e disse: «Que mal há nisso? Eles são pelos pobres». Não é isso que pensas?

QUENTIN: Pensei, mas isso é muito mais complicado, querida.

MAGGIE: Gostava tanto de saber qualquer coisa...

QUENTIN: Sabes ver tudo com os teus próprios olhos, Maggie, e isso vale mais do que todos os livros.

MAGGIE: Mas saber se é verdade. Aquilo que se vê.

QUENTIN (*intrigado*): Agora estás com medo?... Estás, não estás?

Maggie fixa-o intensamente; passa-se um longo momento.

Que é, querida? Tens medo de estar aqui sòzinha?

Pausa.

Porque não chamas alguém para ficar contigo?
MAGGIE: Não conheço ninguém para... para
isso.

QUENTIN (*nigreja pausa*): Posso fazer alguma
coisa?... Não recetes pedir-me.

MAGGIE (*em luta consigo, diz finalmente...*):
Podes... abrir essa porta do quarto interior?

QUENTIN (*olha para lá, e depois para ela*): Só
abri-la?

MAGGIE: Sim.

*Ela caminha para a porta escura; ela senta-se, apreen-
stua, observando. Ele abre a «porta». Volta. Ela deita-se.*

QUENTIN: Queres dizer-me uma coisa? Não
me vou rir.

Senta-se.

Que se passa?
MAGGIE (*com grande dificuldade*): Quando há
bocado ia começar a dormir... De repente, vi fumo
a sair desse quarto, por baixo da porta. Estava a sair
constantemente... começou a encher o quarto todo!

*Para abruptamente, quase a chorar. Ele estende o braço e
pega-lhe na mão.*

QUENTIN: Ai, menina... tens sonhado muitas
vezes coisas dessas, não tens?

MAGGIE: Mas estava acordada!

QUENTIN: Então sonhavas acordada. Só podia
acabar quando adormecesses. Estas coisas podem ser
explicadas procurando as origens.

MAGGIE: Eu sei. Vou a um analista.

QUENTIN: ..Então conta-lhe isso à tua ma-
neira.

MAGGIE: Foi quando há bocado comecei a tele-
fonar-te.

Fica absorta nas suas cogitações.

Sabes, a minha mãe... costumava vestir-se no quarto
interior. Ela era muito... género moral, sabes? Mas
às vezes fumava lá dentro. E saía de lá... sabes?
envolta numa nuvem de fumo.

QUENTIN: Bem... possivelmente achaste que ela
não queria que me telefonasses.

MAGGIE (*estupefacta*): Como sabes isso?

QUENTIN: Disseste que ela era tão moral... E tu
a telefonar assim a um homem casado.

MAGGIE: Sim! Uma vez quis matar-me com
uma almofada em cima da cara, p'roque me havia
de tornar má por causa de... como o pecado dela.
E eu tenho o cabelo dela e as mesmas costas...

Volta-se ligeiramente para ele e mostra as costas nuas.

P'roque tenho umas belas costas, vê's? Todos os massagistas o dizem.

QUENTIN: Sim, é verdade. São lindas. Mas não é pecado nenhum telefonar-me.

MAGGIE (*abanando a cabeça como uma criança — com um riso de alívio*): Não é isso que me faz má. Tá bem?!

QUENTIN: És uma rapariga muito moral, Maggie...

MAGGIE (*delicadamente e receosa*): Que... que é moral?

QUENTIN: ...dizer a verdade, mesmo contra ti. Não finges ser...

Volta-se para o Auditor, com uma alegria sinistra.

inocente! Sim: que de súbito houvesse alguém que... não pudesse macerar-te mortalmente com a sua inocência! E agora tudo é risível!

A mãe aparece e levanta o braço. Louise sai.

MÃE: Vi uma estrela...

MAGGIE: Abençoo-te, Quentin!

A mãe desaparece, enquanto ele se volta para Maggie, que pega outra vez no retrato dele.

Noites sem fim, pego no teu retrato e abençoo-te. Importas-te?

Encosta o retrato à cara num afago.

QUENTIN: Espero que durmas.

MAGGIE: Agora sim!

Deita-se.

Sério! Sinto-me... desanuviada!

QUENTIN (*acena com a mão*): Boa sorte em Londres.

MAGGIE: E... que é moral, no fim de contas?

QUENTIN: Viver a verdade.

MAGGIE: Então, és tu!

QUENTIN: Ainda não, querida; mas tenciono tentar. Não receies chamar-me se precisares de qualquer ajuda.

Ela desaparece. Sôzinho, prossegue no pensamento.

Em qualquer altura...

Dan aparece, de camisola de gola alta, com o seu livro.

...se precisares de qualquer coisa, chamas, 'tás ouvir?

DAN: Esta família está a teu lado, Quentin.

Recua para o escuro, com um aceno de mão, enquanto se ouve um apito de comboio.

Sempre que precisares de qualquer coisa...

QUENTIN (*admirado, voltou-se repentinamente para Dan, que desaparece. E para o Auditor, enquanto olha fixamente o espaço vazio deixado por*

Dan): Sabes? Não é fraude, mas um... distarce. Eu vim para ela como Dan... a bondade dele! Que admiração, não me encontrar a mim próprio!

Felice aparece, enquanto Magye sai. Ela vai começar a tirar a ligadura... e ele tenta interpretar o conceito.

...E a rapariga naquela noite. Quando ela se foi embora. Ainda não estou certo, mas depois, aqueles dois rabiscos na parede.

Vai para uma «parede» e olha para cima.

Não os fiz, mas queria fazê-los...

Volta-se e abre os braços, em crucificação.

Assim!

Enojado, baixa os braços.

Não sei! Talvez ela me tivesse... dado qualquer coisa! O poder de a transformar! E não se deve ter esse poder... a não ser que se tenha amor!

Grita.

Quase ri.

Que diabo estou a querer fazer, amar toda a gente?

A frase acaba em desdém e colera por si próprio, e, rapidamente, uma mulher aparece vestida à moda da primeira

grande guerra — com um chapéu de véu sobre o rosto, casaco até aos tornozelos e um barco à vela na mão. Está debruçada, como a dar o barco a um garoto, a voz num sussurro distante... o pai entra, chamando, seguido por Dan.

MAR: Quentin? Olha o que te trouxemos de Atlantic City, da beira-mar!

Nota-se que o garoto foge; a mãe fica logo ansiosa e sangada e apressa-se para um ponto, onde pára, como se chamasse através duma porta fechada.

Não feches a porta! Mas, querido, nós não te enganámos, levámos o Dan porque ele é mais velho, e eu queria descançar! Mas a Fanny disse-te que voltávamos, não disse? Porque está essa água a correr? Quentin, fecha a torneira! Ike, vem cá depressa! Arromba a porta! Arromba a porta!

Apressa-se para a escuridão. Há na cama dele uma nativa estranha, e começa a segui-la. E para o Auditor...

QUENTIN: Mandaram-me ir dar um passeio com a criada. Quando voltei, a casa estava vazia. Meu Deus, porque será que a traíção é a única verdade que perdura? Adorava aquela mulher; é monstruoso não poder chorar por ela!

O banco do parque ilumina-se. Magye aparece numa camisola branca de homem, um barrete de patinagem branco amarelo com borla encarnada, chinelas e óculos escuros.

MAGGIE (*para o banco vazio*): Olá! Sou eu! Maggie!

QUENTIN: Nem sequer chorar por ela. É como ter medo... é como recear chorar alguém.

MAGGIE (*para o banco vazio*): Vês? Eu disse-te que ninguém me reconhecia!

QUENTIN: ...Será medo de recordar o amor... por ele ter morrido?

Desce por trás dela, olha-a de cima, enquanto ela enfrenta o banco vazio.

Se eu pudesse deixar entrar a memória do amor que me empurrava para ela como um sopro de vento! O tremular dos lábios abanava os prédios da rua; o roçar das ancas na saia abafava o ruído do tráfego!

MAGGIE (*para o banco vazio*): Caramba, quando saíste, a outra noite, adormeci como chumbo! Gostas da minha trança? Vês? E das chinelas?

Ligeira pausa. Ele sorri, chega-se para ela no banco.

QUENTIN: Só te faltam patins de rodas.

MAGGIE (*bate palmas de alegria*): És um ponto!

QUENTIN (*meio para o Auditor*): Estou sempre a esquecer...

Completamente para ela.

Como és bonita!

Ela fica calada um momento, em adoração.

MAGGIE: Queres ver o meu novo apartamento? Não tem elevador, nem sequer porteiro. Ninguém saberia. Deves querer descansar antes de ires para Washington.

Ele não responde.

P'roque soube agora mesmo... que vou para Paris, depois de Londres...

QUENTIN: Ah sim?... Quanto tempo ficas?

MAGGIE: Talvez dois meses, suponho.

Ambos sentem que separação é dor. Ela tem lágrimas nos olhos.

Quentin?

QUENTIN: Jóia...

Pega-lhe na mão em luta consigo próprio.

não queres mais nada de mim...

MAGGIE: Não espero! Mas se fosse a Washington... podia inscrever-me no hotel como Miss Nada.

QUENTIN: N-á-t-a?

MAGGIE: Não, «n-a-d-a», igual a nada. Uma vez inventei isso p'roque nunca me lembro dum nome falso, e por isso penso em nada, e sou eu!

Ri com prazer.

Descobri isso!

Ele olha para o relógio, como a calcular se tem o tempo. Maggie, encorajada, olha para o relógio dele.

...e apalpas com a outra? Nunca te havia de magar, Quentin.

Ele ri.

MAGGIE: Mas porque não o seguras numa mão... quem, percebes?

QUENTIN: Um futuro. E tenho andado com elas costas toda a vida, como uma jarra que não se pode deixar cair. Por isso não se pode tocar em ninguém, percebes?

MAGGIE: Mas que mais há?

QUENTIN: «Agora».

MAGGIE: Qual é?

QUENTIN: Há uma palavra escrita na tua testa.

QUENTIN (*com novo vislumbre e espanto*): Sabias argumentar melhor no dia seguinte!

MAGGIE: Porque tudo se devia resumir numa coisa, sabes? Em ajudar pessoas e em sexo. Até

voso.

QUENTIN (*sorri ternamente para ela*): E não?

MAGGIE: ...E ficavas feliz.

QUENTIN: Que belo pensamento!

em mim toda nua...

bleia estiver a martelar-te na cabeça, podias pensar

MAGGIE: E isso mesmo! Quando essa assem-

governo inteiro odeia-me, e entretanto lá no hotel... QUENTIN: E um pensamento maravilhoso. O

QUENTIN: Legas tudo à agência. MAGGIE: Eu sei, mas é só provisório, até eu pensar em alguém pra lá pôr.

meu quarto...

MAGGIE: Jerry Moon. É um amigo do meu agente Andy, na construção civil, mas sabe muito de leis. Assinou aí como testemunha, vi-o assinar. No

QUENTIN (*olha para ela*): Quem escreveu isto? MAGGIE: Jerry Moon. É um amigo do meu

de avião.

MAGGIE: Dizem que vou ficar milionária dentro de uns dois anos! E agora tenho de andar muito

Começa a ler o testamento.

testamento?

QUENTIN (*pega nele*): Para que queres um Mas será legal sem ser escrito à máquina?

Rebusca na algibeira e tira um papel dobrado.

Ah, é verdade! Tenho um testamento!

Subitamente:

morrer a todo o momento, sabes?

MAGGIE: E tudo o que sou! Uma pessoa pode

QUENTIN: És toda amor, não és?

MAGGIE: Bem... eu ficava com o que tinha dado.

QUENTIN: E tu?

é só isso.

Faz como quando tens sede. Bebes e vais-te embora;

QUENTIN: Não tens mesmo ninguém?

MAGGIE: Não!

QUENTIN (*com pena, mas indignado*): Para quê tanta pressa?

MAGGIE: É no caso de o avião do Andy cair. Ele tem cinco filhos, sabes, e...

QUENTIN: Achas-te responsável pela família dele?

MAGGIE: Bem... não. Mas ele ajudou-me, emprestou-me dinheiro quando eu...

QUENTIN: Um milhão de dólares?

Dois rapazes entram ao fundo do palco, com luvas de baseball.

MAGGIE (*começa a aperceber-se*): Bem, um milhão não...

Com medo.

QUENTIN: Quem é o teu advogado?

MAGGIE: Bem... ninguém.

QUENTIN (*com certa reticência, por ter repugnância em interferir, diz em tom banal*): Ninguém te sugeriu que arranjasses um advogado?

MAGGIE: Mas quando se confia em alguém, confia-se... não?

QUENTIN (*após ligeira pausa, toma uma decisão; pega na mão dela*): Vem cá, vou levar-te a casa.

MAGGIE (*de pé, com ele*): Tá bem! P'roque o que é bom p'rò Andy é bom p'ra mim, tá certo?

QUENTIN: Não te posso aconselhar, querida,

talvez tenhas qualquer vantagem com isto, que eu não atinjo. Vamos embora.

MAGGIE: Não! Não ando metida com o Andy. Eu... não durmo assim com toda a gente, Quentin!

Ele vai agarrá-la, mas ela continua:

Andei com uma data de homens, mas nunca recebi nada por isso. Era género caridade, sabes! O meu analista disse que eu dava aos necessitados. Mas não sou uma instituição. Acreditas em mim?

QUENTIN (*sôfrego dela*): Acredito. Vem.

Um pequeno grupo de rapazes, com equipamento de baseball, barra-lhes o caminho; um dos primeiros aponta para ela.

RAPAZ: É a Maggie, bem te dizia!

MAGGIE (*puxa pelo braço de Quentin, em defensiva, mas excitada*): Não, pareço-me só com ela, sou Sarah Nada!

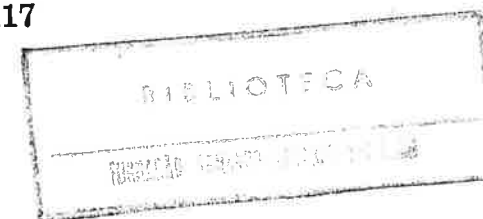
QUENTIN: Vamos embora!

Tenta levá-la, mas os rapazes agarram-na, e ela aceita lápis e bocados de papel, para autografar.

Então?

MULTIDÃO: Um autógrafo, Maggie! P'roque não vens ao clube? Quando dás espectáculo? Mag, tenho os teus discos todos! Canta qualquer coisa!

Dando-lhe um papel para assinar.



P'ró meu irmão, Mag! Tira a camisola, Mag, está calor! Não queres dançar, como fizeste na TV?

Contorce-se sensualmente.

QUENTIN: Chega!

Quentin foi empurrado para o lado; estende o braço, agarra-a e puxa-a para fora, fazendo-a andar para trás, ainda a assistir, vindo com eles. Os rapazes desaparecem na escuridão e ela volta-se para ele.

MAGGIE: Desculpa!

QUENTIN: E como se te estivessem a comer. Gostas disso?

MAGGIE: Não, mas é só gente. Podes sentar-te até vir o comboio? Tudo o que tenho até agora é este blusão.

Tira a camisola.

Gostas? Fui eu que escolhi. E a minha cama, e o meu gira-discos. Mas podia ser um bonito apartamento, não podia?

Em silêncio, Quentin pega-lhe na mão; puxa-a para si; dá-lhe um beijo.

MAGGIE: Amo-te, Quentin. Faria tudo por ti. E nunca te aborreceria, juro.

QUENTIN: És tão bonita que custa olhar para ti. MAGGIE: Nem sequer me viste!

Afasta-se.

Deixa-te ficar aí e eu apareço-te nua! Ou não há um comboio mais tarde?
QUENTIN (pausa): Claro. Há sempre um comboio mais tarde.

Começa a desabotoar o casaco.

MAGGIE: Vou pôr música!
QUENTIN (m por entre as palavrass): Isso, põe música!

Procura o seu momento... para o Auditor, abrindo o casaco.
Aqui, foi algures aqui...! Não sei, um... um impostor!

Ouve-se um jazz estridente.

MAGGIE: Vem, deixa tirar-te os sapatos!

O pai, a mãe e Dan entram. Maggie baixa-se e começa a desatarr-lhe os sapatos. Hirtó, com crescente horror, baixa o olhar para ela. Figuras movem-se na escuridão.

QUENTIN: Maggie?
MAGGIE (olha para cima e pára de desatar os sapatos): Sim?

Ele olha em redor a escuridão; de repente o pai avança.

PAI: Que *queres* tu? Sempre o que tu *queres*!
Santo Deus, *que és tu?*

Agora Louise aparece, a ler um livro, mas Dan está ao lado dela, quase a tocar-lhe com a mão.

DAN: Esta família está a teu lado, pá.

A mãe, isolada, move-se quase sensualmente e ambos dão a impressão de afastar Quentin de Maggie.

QUENTIN (*berra para todos eles, irritado, levantando os punhos*): Vejo a culpa, mas onde está Quentin?

MÃE: Ai, que poesia me dava Strauss, e romances, e...

QUENTIN (*vai para a mãe, que está em transe*): Sim, sim! Mas eu conheço essa traição! E a minha própria cumplicidade, no descontentamento dela; sim, e não desmerecer estes homens leais, capciosos! Mas onde está Quentin? Em vez de me despir, esta... atitude!

Volta-se para Maggie, que está de joelhos.

Maggie...

MAGGIE: "Tá bem. Talvez quando eu voltar...

QUENTIN: Tu... tens de rasgar esse testamento.

Para o Auditor:

Nem posso ir para a cama sem um «motivo»! Que impostor! Nesse dia, *ela* tinha a verdade, eu trouxe a mentira; que ela tinha de ser «salva»! De quê? Excepto do meu desprezo?

MAGGIE (*para o espaço vazio, onde Quentin estava*): Mas até o meu analista disse que estava bem. P'roque uma pessoa como eu tem de ter alguém.

QUENTIN: Maggie... homens sérios não escrevem testamentos desses.

MAGGIE: Mas é só provisório...

QUENTIN: Querida, se eu fosse ter com Andy, e esse consultor, e também o analista, eram capazes... de me propor uma parte para me calar.

MAGGIE: Mas... de qualquer forma não consigo gastar aquele dinheiro todo! Nem sequer consigo pensar o que fazer com vinte cinco dólares!

QUENTIN: Não é o dinheiro que tiram, é a dignidade que destroem. Tu não és um bocado de carne; parece achares bem dares tudo o que te pedem!

MAGGIE: Eu sei.

Baixa a cabeça com um grito, tremendo de esperança e vergonha.

QUENTIN (*levanta-lhe a cabeça*): Mas, Maggie, tu és alguém! Já não és nenhuma garota, à procura dum canto onde dormir! Não é só o teu êxito, ou

seres rica; és correcta, és sèria, tens categoria, as pessoas têm um *significado* para ti; não tens de pedir conselhos a gente duvidosa, como um... um rádio!

Solucando de amor e desespero, ela desliza para o chão e agarra-se-lhe às pernas, beijando-lhe as calças. Ele observa, depois levanta-a de repente, com imensa pena e esperança. Maggie, levanta-te!

Ouve-se música, e ela sorri de forma estranha, por entre lágrimas, e, como a confirmar a sua persistente natureza, começa a desabotoar a blusa. Debaixo do vestido, o corpo de Maggie segue o ritmo. E logo que começa a dançar, ele abandona a cabeça. E para o Auditor...

Não, amor, não; deixar de personificar, nada mais! Viver...

Titubando.
...viver de boa fé, mesmo que seja só com as entranhas!...

Para Dan e pai:
Sim! Deixar de ser «bom»! De andar disfargado!
Para a mãe:

Deixar de ter medo de mostrar o que Quentín, Quentín, Quentín... é!
LOUISE: Nem tens o decore de...

Um Tribunal Supremo aparece; e uma bandeira; um secretário bate uma vez com o bastão; está no meio de outros a olhar de cima para Quentín.

QUENTIN: Esse decore é criminoso! Fala de verdade, não de acordo; amaldiçoó toda a suprema administração de falsa inocência!

Para o secretário:

Declaro que não estou inocente! Nem sou bom! SECRETARIO: Mas, decerto, o reverendo Barnes não pode objectar a responder se assistiu ao Congresso de Paz pró-comunista, em Praga, Checoslováquia. Não, não, o advogado não está autorizado a falar com a testemunha, isto não é um julgamento! Qualquer pessoa inocente estaria...

QUENTIN: E esta pergunta: inocente? Quantos pretos são autorizados a votar no vosso patriótico distrito? E quais dos vossos sentimentos sociais, políticos ou raciais teria Hitler desaprovado? E não é um julgamento? Tu, impostor, os teus «investigadores» estão, neste momento, a trabalhar na igreja deste homem para o esconderem dela!

HARLEY BARNES (*está a levantar-se; tem um colarinho clerical*): Contesto à base da primeira e da quinta alterações a Constituição.

QUENTIN (*com profunda mágoa*): Mas temos a certeza, Harley? Pergunto, pergunto... se os pais estivessem invertidos, e eles estivessem em

frente de ti, permitias que *eles* não respondessem?
Mesmo odiosos como são?

Harley olha-o indignado, desconfiado.

Já não tenho a certeza do que estamos a apoiar;
somos bons só por dizer não ao mal? Não será
necessário... dizer...

*Harley e o Tribunal saíram. Maggie está presente, fazendo
estalar os dedos a desprender o cabelo.*

...dizer finalmente sim... a *qualquer coisa*?

Volta-se para Maggie.

Sim, sim, sim.

MAGGIE: Diz-me o que quiseses.

QUENTIN: Um facto... um facto... um facto,
uma coisa.

MAGGIE: Canta dentro de mim.

Quentin atravessa para o Auditor.

QUENTIN: Mesmo condenado, indizível como
toda a verdade!

MAGGIE: Deixa-te ser feliz.

QUENTIN: Desprezível, como toda a verdade.

MAGGIE: É tudo o que sou.

QUENTIN: Viscosa, como a verdade: cega, igno-
rante.

MAGGIE: Mas nunca ninguém me disse, levan-
ta-te!

QUENTIN: A razão do sangue, as cegas entra-
nhas do mundo... sim!

MAGGIE: Agora.

QUENTIN: A isto sim.

MAGGIE: Agora... agora. Quentin?

*A luz mostra-a reclinada na cama, um lençol a cobrir-lhe
parcialmente o corpo nu. Lânguidamente, apoia o queixo
nas mãos. Olha para um ponto longínquo.*

Quenny? O sabonete não tem cheiro, não tens de
te preocupar.

Ligeira pausa.

'Tá bem! Não te apresses! Gosto de esperar por ti!

Repara no sapato dele no chão. Pega-lhe com carinho.

Gosto dos teus sapatos. Tens bom gosto!

Sobe o palco envolta num lençol.

'Escupa não ter nada para comeres, mas não sa-
bia! Vou buscar ovos, p'ra de manhã. E bifes... p'rá
noite, se for preciso. É como quiseses, quando qui-
seres.

Volta-se, olhando em frente.

Gó'ta' de mim?

Holga aparece ao fundo, no aeroponto, a procurá-lo enquanto Maggie desaparece.

QUENTIN: E tudo verdade, mas não é a verdade. Tudo isto parece agora achincalhante. Eu amava aquela rapariga. O meu azedume está a fazer de mim...

Olha para Holga.

...um estranho à minha vida. Até já não ousa fazer uma promessa. Só vi claro quando via com amor.

Holga sai.

Ou poderá alguma vez recordar-se o amor? E como tentar distinguir o cheiro de rosas numa adega. Pode ver-se uma rosa, mas nunca o perfume. Essa é a verdade das rosas, não é?, o perfume?

Maggie aparece no segundo estrado, iluminada, num vestido de noiva; Carrie, uma criada preta, está a pôr-lhe na cabeça um chapéu com véu; Lucas, um costureiro, de joelhos, compõe apressadamente a última prega, como anteriormente. Maggie mira-se à volta dum espelho. Quentin começa a levantar-se.

MAGGIE: Depressa, Lucas, por favor, não quero fazê-lo esperar mais, a cerimónia é às três! Depressa, por favor!

Lucas cose mais depressa.

126

QUENTIN: Quero vê-la outra vez com... aquele

amor! Porque será tão difícil? Está ali, essa rapariga cheia de desejo, essa vitória envolta em rendas. MAGGIE (olha em frente, palpitante de vida, enquanto Lucas corta com os dentes a última linha):

Mal me vais reconhecer, Lucas! Ele salvou-me, falou a sério! Tenho outra vontade própria, até mudei de analista. Agora tenho um médico maravilhoso! E vamos rever todos os meus contratos, em que nunca me pagaram como devia ser. O Ludwig Reiner vai aceitar-me! E ele não aceita mesmo cantores de ópera sem serem, sabes... assim artistas! Não interfere o que lhe queiras pagar. Eu nem podia pensar nisso, mas Quentin obrigou-me a ir — e agora aceitou-me, o Ludwig Reiner, imagina!

Volta-se ao ver Quentin entrar. O encanto do momento envolve-os a ambos; Lucas sai. Carrie toca ao de leve na testa de Maggie e reza silenciosamente.

QUENTIN: Minha querida! Como és perfeita! MAGGIE (desce para ele): 'Gó'ta' de mim?

Padre e mulher entram na segunda plateiaforma.

QUENTIN: Meu Deus! Vir para casa todas as noites... para ti!

Vai para ela de braços abertos, vindo, mas ela toca-lhe no peito, excitada e curiosamente receosa.

MAGGIE: Ainda estás a tempo de não o fazer, Quentin. Podia vir ter contigo quando quisesse.

127

QUENTIN: Não te capacitas de que uma coisa boa possa acontecer. Mas é verdade, querida, és a minha mulher!

MAGGIE (*com voz angustiada*): Quero dizer-te porque fiz um exame médico.

QUENTIN: Querida, estás sempre com revelações, mas...

MAGGIE: Mas tu disseste que temos de gostar do que aconteceu, não foi? Mesmo coisas más?

QUENTIN (*falando a sério, para corresponder à intensidade dela*): Sim, disse.

Padre e mulher saem.

MAGGIE: Eu... estive com dois homens... no mesmo dia.

Tira os olhos dele.

Um grupo de convidados aparece na segunda plataforma.

No mesmo dia, estás a ver.

Está quase a chorar e olha para ele, submissa e estranhamente catequizada.

Sempre te hei-de amar, Quentin. Mas podíamos dizer-lhes que tínhamos mudado de ideias...

QUENTIN: Um facto em si não é o importante; é a conclusão que tirares dele. Seja o que for que te aconteceu, resultou isto e isto adoro!

Repentino, para o Auditor:

Sim! Que conspiramos para violar o passado, e o passado é sagrado, e os seus horrores os mais sagrados de todos!

Volta-se para Maggie.

E... ainda... outra coisa...

MAGGIE (*com esperança*): Talvez... até me fizesse melhor esposa, não é?

QUENTIN (*a lutar com a dor*): É assim mesmo que se fala!

Elsie entra e junta-se ao grupo de convivas.

MAGGIE (*com satisfação, vendo o fruto de dores passadas*): P'roque não sou curiosa! Vais-te admirar, mas as chamadas mulheres sérias sorriem e os maridos nunca sabem, mas são curiosas. Eu sei isso tudo, por isso sei que tenho um rei! Há gente que... vai rir de ti!

QUENTIN: Agora já não, querida, vão ver o que eu vejo. Vem!

MAGGIE (*sem o acompanhar*): Que é que tu vês? Diz-me!

Explodindo:

P'roque penso... já tiveste vergonha, não tiveste?

QUENTIN: Vejo o teu sofrimento, Maggie, e ao vê-lo deixei de me envergonhar!

MAGGIE: Tu... tiveste vergonha!?

MAGGIE (*num lampejo de raiva*): Dizer-lhe que se deixasse disso!

QUENTIN (*tomado de surpresa*): Eu... não creio que estejas a dizer o que sentes, querida.

CONVIDADA: Pronto! Pronto!

Os convidados abnhum nos degraus, formando ala para Maggie e Quentim.

QUENTIN: Vem, eles estão à espera.

Põe o braço dela no dele; voltam-se para sair.

MAGGIE (*quase em lágrimas*): Ensina-me, Quentim! Não sei como agir! Desculpa-me ter dito aquilo assim.

QUENTIN (*como que enfrentando a visão de Louise*): Não. Diz o que sentes; a verdade está do nosso lado; di-la sempre!

MAGGIE (*com súplica na voz, continua*): Não me estás a amparar!

QUENTIN (*afastado a meio do palco, volta-se para o espaço vazio*): Estou, querida, estou contigo! MAGGIE (*seguido ao longo da ala de convidados*): Vou ser uma boa esposa. Vou ser uma boa esposa...

CARRIE: Deus abençoe esta criança.

MAGGIE (*vacila ao caminhar para a escuridão*): Quentim não sinto nada!

A marcha nupcial parou. Louise sai ao fundo do palco.

QUENTIN (*com dificuldade*): Sim. Mas tu saíste vitoriosa, Maggie; para mim és como uma bandeira, como um exemplo de que as pessoas podem vencer.

Louise entra ao fundo, escondendo o cabelo.

MAGGIE: E tu... tu nunca mais olhas para outra mulher, pois não?

QUENTIN: Querida, uma esposa pode ser amada! MAGGIE (*com nova intensidade conflituosa*): Mas... porque beijaste essa Elsie?

QUENTIN: Foi só um cumprimento. Ela abraça toda a gente.

MAGGIE: Mas... porque deixaste ela roçar-se por ti?

QUENTIN (*ru*): Ela não estava a roçar-se... MAGGIE (*dominando uma ansiedade ainda maior*): Eu vi. E tu estavas ali espedado.

QUENTIN (*procurando ru*): Maggie, era um gesto sem intenção...

MAGGIE: Queres que eu seja como era? Como se tudo fosse uma visão?

Solista e vagamente frustrada:

Tu próprio me dissesse para procurar o significado das coisas, não foi? Porque a deixaste fazer isso?

QUENTIN: Ela veio para mim e abraçou-me, que podia eu fazer?

QUENTIN (*frustrado e apelando para ela, desce o palco de braço dado com «ela»*): Estou a amparar-te! Vês, toda a gente a sorrir e a adorar-te? Olha os tipos da orquestra a fazerem o V da vitória! Todos gostam de ti, querida! Porque estás triste?

Ao fundo do palco surge a silhueta indefinida de Maggie. Dá uma gargalhada e aproxima-se, de casaco de peles, com os braços abertos a indicar um quarto.

MAGGIE: Surpresa! Gostas? Andaram depressa enquanto estivemos fora!

QUENTIN (*estão afastados de meio palco*): Sim, é lindo!

MAGGIE: Vês como faz a sala tão grande? E também quero deitar aquela parede abaixo! "Tá bem?

QUENTIN (*sem olhar para ela, recorda o facto*): ...Mas mesmo agora levantámos essas paredes.

MAGGIE (*pouco feliz*): Bem, é só dinheiro; quero isso grande, como um castelo, para ti!

QUENTIN: É amoroso, querida, mas temos os impostos em atraso.

MAGGIE: Costumavas dizer que tenho uma palavra escrita na testa. Porque não pode ficar bonita agora? No próximo ano ganho esse dinheiro todo.

QUENTIN: Mas deve-lo quase todo...

MAGGIE (*procura entusiasma-lo*): Não agarres o futuro como uma jarra; apalpa agora, apalpa-me! Estou aqui, e é agora!

Corre para a semiobscuridade, onde fica rodeada por Carrie, pelo costureiro e outros.

QUENTIN (*contrafeito*): Está bem! Deita abaixo! Fá-la bonita! Faz isso agora! Talvez eu seja demasiado prudente... Desculpa-me!

Ouve-se a voz dela numa gravação musical. Ele tem um sorriso espontâneo de alegria e dança um momento sozinho. Maggie aparece, num vestido dourado, sai de um grupo de admiradores, escutando atentamente. Quentin dirige-se apressadamente para ela.

Maggie, meu amor, é magnífico!

MAGGIE (*preocupada, indecisa*): Não, diz-me a verdade! O piano parou, não estás a ouvir!

Um pianista emerge do grupo a escutar o disco.

QUENTIN: Mas ninguém se apercebe!

MAGGIE: Eu dou por isso. Não queres que seja sincera? Eu disse a Weinstein que queria o Johnny Block e deram-me esta nódoa que me tira o ritmo!

O pianista sai.

QUENTIN: Mas tinhas dito que era um dos melhores.

MAGGIE: Disse que Johnny Block era o melhor, mas eles não lhe pagavam o preço. Ganhei milhões p'ra eles e continuo a ser uma espécie de anedota.

QUENTIN: Talvez eu devesse falar ao Wein-

stein...

Apressa-se para o cimo do palco.

MAGGIE: Não, não te metas no meu rico negócio,

tens um caso importante...

QUENTIN: Weinstein, dá-lhe o Johnny Block!

Volta para ela, enquanto se ouve uma nova versão do número.

Aí está! Ouve agora!

*Ela lança-se-lhe nos braços. Os administradores saem mi-
niando felicitações.*

Vês? Não há razão para te preocupares.

MAGGIE: Agradeço-te, querido!

QUENTIN: E só dizer-me, e eu falo com esta
gente sempre que tu...

A música para.

MAGGIE (*perdendo ânimo gradualmente*): Vês?
Eles têm-te respeito. Pergunta ao Ludwig Reiner;
assim que entras no estúdio, a minha voz voa! Vou
ser uma boa esposa, Quentin; só às vezes é que fico
nervosa por... te enredar nos meus problemas. Mas
quero que o meu papel seja perfeito, e o que eles
querem é só enriquecer com ele.
QUENTIN: Exactamente, querida; como podes
esperar deles o respeito de ti própria? Anda, por-

que não vamos dar uma volta? Não passeamos já há
tanto tempo...

Senta-se nos calcanhares ao lado dela.

MAGGIE: Gostas de mim?
QUENTIN: Adoro-te. Só queria que pudesses ter
alegria na vida.

MAGGIE: Quentin, sou uma anedota que dá di-
nheiro.

QUENTIN: Mas parece-me que começa a mudar;
tens agora uma grande orquestra, Johnny Block e
os melhores bateristas...

MAGGIE: Só porque lutei por isso. Seria de es-
perar que alguém viesse ter comigo e dissesse: «Olha,
Maggie, fizeste-nos ganhar todo este dinheiro, agora
queremos que te engrandecas, que podemos fazer
por ti?»

QUENTIN: Querida, eles até vendiam «cachor-
ros» se isso desse mais dinheiro, como podes espe-
rar deles amor?

Pausa. Ela reconhece a sua solidão.

MAGGIE: Mas de quem o posso esperar?
QUENTIN (*prostrado*): Maggie, como podes di-
zer isso?
MAGGIE (*levanta-se — há nela agora um re-
ceio oculto*): Quando entrei na festa, nem sequer
me abraceaste. Senti-me como uma dessas esposas,
ou coisa que o valha!

QUENTIN: Então, Donaldson estava no meio de uma frase e eu...

MAGGIE: E então? Eu entrei na sala! Eu contratei-o, não foi ele que me contratou.

Louise entra a pôr creme na cara.

QUENTIN: Mas ele dirige o teu espectáculo na TV e eu estava a ser delicado com ele.

MAGGIE: Não tens de ter vergonha de mim, Quentin; eu tinha o direito de lhe dizer para acabar com aquelas graças parvas no meu ensaio. Lá porque é culto? É a mim que o público paga, não é ao Donaldson! Pergunta ao Ludwig Reiner o valor que tenho!

QUENTIN: Casei contigo, Maggie, não preciso da opinião do Ludwig sobre o que vales.

MAGGIE (*fita-o com olhar estranho*): Porque... porque estás tão frio?

QUENTIN: Não estou frio, estou a procurar explicar o que aconteceu.

MAGGIE: Então pega-me nos teus braços, não expliques.

Ele toma-a nos braços e beija-a.

Assim não. *Esmigalha-me.*

Ele tenta apertá-la mais, depois larga-a.

QUENTIN: Vamos dar uma volta, querida. Anda...

MAGGIE (*deixa-se cair*): Que é que tens?

QUENTIN: Custa-me, quando dizes não estar do teu lado, é só isso.

MAGGIE: Mas Quentin... devias olhar para mim... como se eu existisse, ou qualquer coisa. Como costumavas olhar... de dentro de ti.

Maggie afasta-se na escuridão, encontra a criada e veste uma camisa de noite.

QUENTIN (*sòzinho*): Adoro-te, Maggie; desculpa, isto nunca mais volta a acontecer.

Louise sai.

É verdade, estou obcecado, mas hei-de provar que te adoro, e então hás-de espantar o mundo!

Uma luz rosada inunda a cama; Maggie aparece de roupão.

MAGGIE (*indicando em frente*): Surpresa! Gostas!? Vês o tecido?

QUENTIN: É amoroso! Como pensaste nisso?

MAGGIE: Basta fechá-los, e o sol faz a cama toda cor-de-rosa...

QUENTIN (*procura ser alegre e abraça-a na cama*): Sim, é lindo! Vês? Um argumento não quer dizer desastre! Maggie, eu nunca soube o que era amor!

MAGGIE (*beija-o*): No caso de, durante o dia, teres assim de vir a casa, e fazermos amor de dia.

Terminou, sentando-se com fragueza; nostálgicamente:

Como o ano passado, lembras-te? Nas tardes de Inverno? E uma vez ainda tinhamas neve no cabelo. Vês, eu sou assim, Quentim.

QUENTIN: ...Amanhã à tarde venho a casa.

MAGGIE (*meia trocista*): Bem, não faças pro-
jectos.

*Ele ri, mas ela olha-o novamente estranha, com olhar pers-
picaz. O riso dele esmorece.*

QUENTIN: Porque não? Já nada quero escon-
der, querida. Diz-me, que te preocupa?

MAGGIE (*abana a cabeça, reconhecendo*): Não sou uma boa esposa. Estou a tirar-te tanto do teu trabalho. Abandonaria tudo e fazia um lar só para ti, mas não temos meios para isso. Juro, só quero ser maravilhosa para ti.

QUENTIN: Eu sei, querida; só disse isso por tu...

Tenta amainar o incidente.

...por tu dizeres, praticamente, que não lutava bastante por acertar, e eu consegui chegar a vinte mil dólares. Eles tinham direito a cem quando não representasses.

MAGGIE (*com crescente indignação*): E não posso estar doente? Estava doente!

QUENTIN: Eu sei, querida, mas o médico não passava o atestado.

MAGGIE (*furiosa com ele*): Tinha uma dor no lado, por amor de Deus, nem podia estar de pé!... Não acreditais, pois não?

QUEBENTIN: Magye, estou só a dizer-te a situa-
ção legal.

MAGGIE: Pergunta ao Ludwig o que devias fazer! Devias ter lá estado a berrar! Em vez de sala-maleques e atestados... não devia ter de pagar nada! QUENTIN: Maggie, tens um grande analista,

MAGGIE: Não estás a pôr quarenta por cento do...

QUENTIN: Magie, tenho um grãtico, sei onde
emprego o meu tempo!

Ela olha para ele, mortalmente sentida, e dirige-se a um secretário, que entra com uma bebida imaginária. A criada chega com um vestido preto e Maggy muda de vestido.

Desculpa, querida, mas quando falas assim sinto-me apavorado. Não comeses a beber, por favor. MAGGIE: Nunca me devia ter casado; todos os homens que conheci detestavam as mulheres deles. Parece-me que devia ter um advogado neutro. QUEENTIN (*sózinho, no proscênio*): Querida, sinto-me feliz com o tempo gasto contigo; o meu maior prazer é saber que te ajudei a progredir no teu trabalho!

MAGGIE (*um grupo de administradores cerca-a e oculta-a*): Mas a única razão de ter procurado Ludwig foi para fazer de mim uma artista de que te orgulhasses! Foste o primeiro a acreditar em mim!

QUENTIN (*sòzinho*): Então para que estamos a discutir se queremos a mesma coisa, não achas?

MAGGIE (*emergindo do grupo, num vestido preto*): Ele é muito bom advogado; trabalha para uma data de estrelas. Há-de falar-te, a pedir o meu processo.

QUENTIN (*ligeira pausa; magoado*): Está bem.

MAGGIE: Não é nada contra ti; mas é como aquela rapariga na orquestra, a violoncelista... quero dizer, o Andy levou caríssimo, mas era capaz de lá entrar e correr com ela. Quero dizer, não se ri quando uma cantora desafina.

QUENTIN: Mas ela disse que tinha tossido.

MAGGIE (*furiosa*): Não tossiu, riu! Não acabo a gravação se ela amanhã estiver na orquestra! E não devia ter de implorar do meu marido a defesa dos meus direitos. Quero-a fora dali!

Os administradores saíram.

QUENTIN: Não sei o que é esse implorar; despedi três pessoas, em três orquestras diferentes, mas não posso fingir que gosto de o fazer.

MAGGIE: Mas se fosse a tua filha zangavas-te, não era? Em vez de desculpá-la?

QUENTIN (*visionando*): Sim, seria isso que faria. Desculpa. Vou fazê-lo amanhã.

MAGGIE (*com desesperado fervor, vai para junto dele e senta-se ao centro*): É por isso que não sorrio, sinto que estou a lutar todo o tempo para te fazer *ver*. És como um garoto, não vês o mal que as pessoas escondem.

QUENTIN: Querida, fui eu quem te disse que fosses menos confiante com as pessoas, mas não podes desconfiar de *toda a gente*. A vida não é perigosa a esse ponto.

Pausa. Ela parece estar extremamente receosa.

MAGGIE: Quando a tua mãe me diz que estou a engordar, sei onde estou. E quando fazes de conta que não ouves...

QUENTIN: Mas que posso eu fazer? Ela diz tudo o que lhe passa pela cabeça...

MAGGIE: Mete-a na ordem; ela insultou-me! Tem inveja de mim! Tu não queres *ver* nada!

A secretária entra com uma bebida imaginária, que Maggie bebe.

QUENTIN: Maggie, ela adora-te. Orgulha-se de ti.

MAGGIE (*à distância*): Que pretendes fazer-me pensar, que estou doida?

Quentin aproxima-se dela, tentando persuadi-la.

Não estou doida!

QUENTIN (*cautelosamente*): Nunca tal me passou pela cabeça, querida. Eu... vou falar com ela.
MAGGIE: Olha, nunca mais a quero ver. Se ela alguma vez entra nesta casa, saio eu!
QUENTIN: Bem, vou dizer-lhe que te peça desculpa.

A secretária sai.

MAGGIE: Amanhã não vou trabalhar.

Deita-se na cama, prostrada.

QUENTIN: Está bem.
MAGGIE (*quase saltando*): Sabes que não «está bem»? Tens um medo de morte que eles me processsem. Porque não o dizes?
QUENTIN: Não tenho um medo de morte; simplesmente, tu vais tão bem neste espectáculo, e é pena que...

MAGGIE (*levanta-se com furor*): Só te interessas por dinheiro! Não me emporcalhes!
QUENTIN (*domina uma fúria — com voz muito uniforme*): Maggie, não empregues essa linguagem comigo, não?

MAGGIE: A chamar-me ordinária, que falo como um carroceiro! Pois bem, é donde venho. Sou boa pra pretos, porto-riquenhos e carroceiros!

QUENTIN: Então porque despedes as pessoas com essa facilidade?

MAGGIE (*berra os olhos, como se o estivesse a*

ver por novo prisma): Olha. Tu não me queres. Que raio estás aqui a fazer?

O pai e Dan entram, em cima.

QUENTIN (*num convulsivo e titânico esforço*): Vivo aqui. E tu também, mas ainda não o sabes. Mas has-de sabê-lo. Eu...

PAI: Para onde é que ele vai? Preciso dele! O que és tu?

QUENTIN: Estou aqui e aguento. Um dia compreenderás. Agora vai dormir, estou cá daqui a dez minutos, apetece-me dar uma volta a pé.

Vai sair, ela está atenta, e gradualmente fica bêbeda.

MAGGIE: Onde vais andar a pé?

QUENTIN: Vou até ali à esquina.

Ela observa-o atentamente.

Não há mais ninguém, jóia; quero só dar uma volta. MAGGIE (*com grande desconfiança*): 'Tá bem.

O pai e Dan saem.

Ele anda um metro, para, volta-se e vê-a pegar num frasco de comprimidos e tirar-lhe a tampa.

QUENTIN (*volta para trás*): Não podes tomar comprimidos em cima de whisky, querida.

Vai buscá-los. Ela tira-lhos, mas ele agarra-os outra vez e mete-os no bolso.

Foi assim que aconteceu a última vez. Mas não torna a acontecer. Nunca mais. Venho já.

MAGGIE: Porque puseste essas calças?

Ele volta-se, sabendo o que vai acontecer.

Já te disse que estão muito apertadas.

QUENTIN: Ficaram muito apertadas, mas posso dar uma volta com elas.

MAGGIE: Os maricas usam calças assim; avisei-te. Atraem-se uns aos outros com os cus.

QUENTIN: Agora chamas-me maricas?

MAGGIE (*muito bêbada*): Conheci maricas, e alguns deles nem sequer sabiam que o eram... E eu não sabia se tu sabias isso.

QUENTIN: Que linda maneira de criares confiança em ti, Maggie.

MAGGIE (*cambaleando levemente*): Posso dizer o que vejo...

QUENTIN: Estás a ver se te ponho na rua? É isso? Para a vida ser outra vez real?

MAGGIE (*aponta para ele, e referindo-se ao seu controle*): Queres armar em forte e feio? Que vem a ser isto?

Tropeça e cai. Ele não se mexe para a levantar.

QUENTIN (*sobranceiro a ela, sabendo perfeitamente que ela está inconsciente*): E agora eu saio, hem? E tu finalmente sabes onde estás, hem?

Puxa-a com raiva.

É isso que queres?!

MAGGIE (*separa-se dele, vai cair para a frente. Ele agarra-a e põe-a bruscamente na cama*): Que jeito tem isto? Porque não cavas?

Põe-se de novo de pé.

Vais esperar que eu envelheça? Sabes o que um chauffeur me disse hoje? «Dou-te cinquenta dólares...»

Um soluço aberto, perdido, lancinante e controverso sai-lhe do peito.

Sabes o que são cinquenta dólares para um chauffeur de táxi?

A dor dela penetra-o e afoga-lhe o rancor.

Anda, vai-te embora; até posso andar a direito, vês? Olha, vês?

Anda com os braços estendidos, um pé à frente do outro.

Então o que é, hem? Queres dançar? Queres dançar?

Esfalfada, põe o gramofone a trabalhar e dança à volta dele com um meneio de ancas caricatural.

Então que queres? Que é?

QUENTIN: Por favor, não faças isso.

Aguarda e deita-a na cama.

MAGGIE: Estás à espera que eu envelheça, ou que? Então que é? Que é?

QUENTIN (ela está detida, arfante. Ele olha-a fixamente, falando para o Auditor. Felice aparece atrás dele): E que se há amor, tem de ser ilimitado; cego ao insulto, cego à flecha na carne! Meu Deus! O mesmo sonho de criança em nós os dois!

Felice aparece atrás dele. Ele levanta os braços. O pai aparece, prostrado, na cadeira.

VOZ DA MÃE (longe): Idiota! Divorcia-te!

Doze homens aparecem no segundo plano, iluminados pela luz crua dum cais de metropolitano, alguns deles a ler jornais. Separados deles, vindo de direcções opostas, Mickey e Lou aproximam-se um do outro.

MAGGIE (afasta-se à pressa, cambaleante): Por-que não te pões a andar?

QUENTIN (de braços caídos): Mas em nome de quem voltas as costas? Com que direito?

MICKY: Por irmos juntos, Lou, e ir dizer os nomes! Lou!

Lou olha fixamente Quentín e sobe ao cais onde os homens esperam pelo metropolitano.

QUENTIN: Vi claramente! Vi uma vez, vi o nome!

Ouve-se mais próximo o ruído do metropolitano.

LOU: Quentín! Quentín!

Todos os homens olham para Quentín, depois para os carris. Os homens resmungam. As mãos de Quentín escondem-lhe a cara, como uma viseira. A torre ilumina-se, enquanto... a mãe entra, com um vestido de antes da guerra, um barco à vela na mão, a inclinar-se para a «porta da casa de banho», como anteriormente.

QUENTIN: Em que nome coberto de sangue olhas a cara que amaste e dizes: «Agora foste apaixonado em falso, e agora vais morrer in extremis. Isso tinha um nome, isso...

MÃE (para a «porta da casa de banho»): Quentín? Quentín?

Ele corre para ela, mas receoso.

QUENTIN: O quê? O quê?

MÃE: Vês o que te trouxemos de Atlantic City? Da beira-mar?

Os homens saem do cais do metropolitano. Uma tremenda rebencação de ondas faz Quentín dar uma reviravolta, a mãe desaparece e o luar começa a inundar o cais.

QUENTIN: ...Junto do mar. Aquela vivenda. Aquela noite. A última noite.

Maggie, num roupão amarrotado, com uma garrafa na mão, o cabelo caído para a cara, cambaleia até à beira do cais e fica de pé, no meio do ruído das ondas. Vai quase a cair e ele apressa-se a agarrá-la.

A mãe sai. Maggie volta-se e abraçam-se. Lá dentro ouve-se suavemente um jazz.

MAGGIE: Foste amado, Quentin; nunca nenhum homem foi amado como tu.

QUENTIN (*largando-a*): Carrie disse-te que eu telefonei? O meu avião não pôde levantar voo todo o dia...

MAGGIE (*bêbeda, mas lúcida*): Ia agora mesmo matar-me.

Ele fica calado.

Ou também não acreditas nisso?

QUENTIN (*com calma absoluta, distante, mas sem ser hostil*): Salvei-te duas vezes, porque não havia de acreditar?

Vai para ela.

Esta humidade faz-te mal à garganta, não devias estar aqui fora.

MAGGIE (*senta-se ostensivamente, balouçando as pernas*): Onde estiveste?

QUENTIN (*sobe o palco e tira o casaco*): Estive em Chicago. Já te disse. A herança Hathaway.

MAGGIE (*troçando*): Heranças!

QUENTIN: Então? Tenho de pagar algumas das nossas dívidas antes de salvar o mundo.

Tira o casaco e põe-o na secretária.

MAGGIE (*do cais*): Não ouviste o que te disse?

QUENTIN: Estou muito cansado, Maggie. Vou dormir na sala. Boa noite.

MAGGIE: Que é isto?

QUENTIN (*pausa; volta-se para ela à saída*): Fui despedido.

MAGGIE: Não foste despedido.

QUENTIN: É a sério. Já não consigo tomar uma decisão sem que qualquer coisa, dentro de mim, desate a rir.

MAGGIE: É minha a culpa, não?

QUENTIN (*ligeira pausa; depois decide-se*): Deixou de interessar de quem é a culpa. Eu... falei ao teu médico esta tarde.

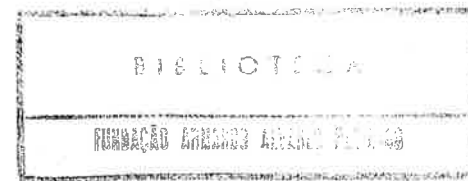
MAGGIE (*fica rígida de medo e desconfiança*): Sobre quê?

QUENTIN: Tem-me custado acreditar que queiras realmente morrer, Maggie. Portanto, só tenho estado a jogar com a tua vida. Mas decidi tomar o caso a sério, e quis perguntar-lhe o que devia fazer.

MAGGIE: Vais internar-me em qualquer parte. É isso?

QUENTIN: O teu médico está a ver se consegue avião, para cá vir hoje à noite; resolve isso com ele.

MAGGIE: Não me vais pôr a mim em parte nenhuma, cavalheiro.



Destapa o frasco dos comprimidos.

QUENTIN (*aponta o frasco dos comprimidos*

que ela está a vaziar na mão): Maggie, já não dis-cuto contigo por causa dos comprimidos. Se começas hoje com isso, chamo a ambulância.

Ela para, olha para ele.

E isso vai dar que falar nos jornais. Tenho pro-curado evitar-te as consequências — e a mim tam-bém. E é isso, precisamente, o que eu não devia ter feito. Comprendes?

Com os comprimidos na mão, ela bebe whisky.

Bem, vou dizer à Carrie para chamar a ambulân-cia assim que vir os sintomas. Vou dormir na esta-lagem.

Pega no casaco.

MAGGIE: Não dormes na estalagem!

QUENTIN: Então põe isso de lado e vai dormir.

MAGGIE (*recosa de ele partir, procura alisar*

o cabelo emaranhado): Podes... ficar cinco minutos?

QUENTIN (*enternecido*): ...Sim.

Regressa.

MAGGIE: Se quiseses até poderes ficar com o frasco. Não tomo mais.

Maggie põe o frasco na cama, em frente dele.

QUENTIN (*resiste à vontade de o tirar*): Não

quero o frasco. Não vou recomegar esse jogo.

MAGGIE: «Lembra-se» como costumava falar-me até eu adormecer?

QUENTIN: Maggie, estive sentado ao pé de ti, dias e semanas, em quartos às escuras, e no meu escritório à procura de mim por toda a parte...

MAGGIE: Não; perdeste a paciência comigo.

QUENTIN (*após ligeira pausa*): Tens razão, é isso.

MAGGIE: Então mentiste, não foi?

QUENTIN: Sim, menti. Todos os dias. Todos somos diferentes. Tentei não o ser, mas também eu tenho de sobreviver, querida, e já não quero fingir.

MAGGIE: Mas se me amasses...

QUENTIN: E como o saberias, Maggie? Acaso sabes quem sou? Além do meu nome? Eu sou todo o mal do mundo, não sou? Toda a traição, as espe-ranças perdidas, a vingança assassina?

Ela põe comprimidos na mão e ele fica de pé.

Um suicídio mata duas pessoas, Maggie, e para isso que serve! Por isso me vou afastar, e talvez assim lhe tire o objectivo.

Resolutamente, vai sair. Ela cai para trás na cama. Tem a respiração arfante. Ele dirige-se a Carrie, que está sentada na penumbra, a rezar.

Carrie!

MAGGIE: Que é Lázaro?

Ele pára. Ela procura-o com o olhar, sem saber que ele saiu.

Quentin?

Não o vendo, levanta-se da cama, um tanto alarmada...

Quen?

Ele volta-se a meio.

QUENTIN: Jesus ressuscitou-o de entre os mortos. Na Bíblia. Agora vê se dormes.

MAGGIE (*reclina-se. Uma pausa. Com voz longínqua, sonhadora*): Quero mais pastéis de nata. Dás-me o meu vestido do dia de anos? Se eu for boazinha? Mamã?

Alarmada.

Mamã?!

Senta-se, olha em redor, como num sonho, volta-se e vê-o.

Porque estás aí?

Sai da cama, estremunhada, e vem para ele, observando-lhe a cara; a expressão dela toma vida.

Estava a dormir?

QUENTIN: Por um momento, suponho.

MAGGIE (*vem para ele cheia de terror*): Estava... estava à minha... estava alguém... havia fumo?

Com um grito, agarra-se a ele; ele aperta-a contra si.

QUENTIN: A tua mãe está morta, querida, já não te pode magoar, não tenhas medo.

MAGGIE (*com desespero infantil, enquanto ele a leva para a cama*): Onde me vais pôr?

QUENTIN (*com um soluço na voz*): Em lado nenhum, querida; o médico decidirá contigo.

MAGGIE: Vês? Vou-me deitar.

Deita-se.

Vês?

Com um suspiro estranho, profundo:

Tu... tu podes ficar com os comprimidos, se quiseres.

QUENTIN (*levanta-se, e, depois duma hesitação, afasta-se*): Vou dizer à Carrie para cá vir e levá-los.

MAGGIE (*sai da cama, com o frasco dos comprimidos estendido para ele*): Não. Não os dou à Carrie. Só a ti. Pega neles.

QUENTIN: Porque queres que seja eu?

MAGGIE (*estende a mão*): Toma.

QUENTIN (*pausa*): Vês, Maggie? Estás a ver se sou eu a fazer-te isso? Eu agarro neles; depois

Intamos, eu desisto, e tu morres das minhas mãos?
Há qualquer coisa em ti que procura fazer de mim
um assassino!

*Horrorizado e suplicante, para que ela veja dentro de si
própria:*

Não sou teu inimigo! És tu que fazes isto; não vês?!
MAGGIE: Mas Jesus deve-o ter amado.

QUENTIN: Quem?
MAGGIE: Lazaro.

QUENTIN (*pausa; ele vê, segue a sua visão*):
É isso, sim! Ele... amou-o tanto que o ressuscitou
de entre os mortos. Mas Ele é Deus, sabes... e o
poder de Deus é amor sem limites. Mas quando um
homem ousa chegar a esse ponto... procura apenas
alcançar o poder.

Oiente.

Sim! Quem quer que vá salvar outra pessoa, com
a mentira de amor ilimitado, não é amante, é...

*Para, perdido, buscando com o olhar, e volta-se para Maggie
como sendo a sua justificação.*

E então ela disse... Foi aqui que isso aconteceu!

Volta para Maggie e grita para a invocar.

Subitamente ela falou como uma criança, e disse...!

MAGGIE: Ainda te ougo. Cã dentro. Quentín?
Meu amor? Eu ougo-te! Diz-me o que aconteceu!
QUENTIN (*por entre um súbito afluo de lágrimas*):
Maggie, nós... servimo-nos um do outro!

MAGGIE: Eu não, eu não!
QUENTIN: Sim, tu. E eu. Gritamos «Para vi-
ver»; e gritamos «Agora»; criámos a inocência um
do outro para acreditar na nossa própria. Mas este
pavoroso quarto nunca se abrirá, até que possas dizer:
«Eu fui cruel». Pudesse eu dizê-lo contigo, de mim
próprio! Maggie, deita fora a inocência.

Procura a mão dela.

MAGGIE (*que tem estado a torcer-se de fúria*):
Filho de puta!

QUENTIN (*agarrar-lhe o pulso, mas sem tentar
tirar-lhe o frasco da mão*): Atira-os ao mar, nenhum
comprimido te pode fazer inocente! Reconhece o teu
próprio ódio... e a vida voltará! A tua inocência está
a matar-te!

MAGGIE (*soltando o pulso*): E o teu ódio? Sabes
quando quis morrer? Quando li o que tinhas escrito,
ora toma. Dois meses depois de estarmos casados,
ora toma!

QUENTIN: Vamos à verdade; dissesste-me que
tinhas querido morrer muito antes de nos conhe-
cermos.

MAGGIE (*vem para a frente*): Estava casada
com um rei, seu filho de puta! Andava à procura

duma caneta para assinar uns autógrafos. E está ali a secretária dele...

Fala para uma fonte imaginária de justiça, contando as suas mágoas.

E a cadeira vazia, onde ele se senta e pensa como ajudar as pessoas. E estão lá manuscritos dele. E estão umas palavras...

Lê, literalmente no ar, e com a mesma admiração inicial:

«A única pessoa que alguma vez hei-de amar é a minha filha. Pudesse eu encontrar uma forma airosa de morrer.»

Volta-se para ele.

Quando poderás enfrentar isso, juiz da trama? Lembra-te de quando caí desmaiada? No tapete novo? Foi isso que me matou, juiz da trama. "Tá certo?"

Cambaleia para ele e diz-lhe na cara:

I'to 'tá certo?

QUENTIN (*pausa*): Está bem. Põe isso dentro do frasco, e eu digo toda a verdade.

MAGGIE: Não vais dizer a verdade.

Ele tenta torcer-lhe a mão para o frasco, agarrando-lhe ambos os pulsos.

QUENTIN (*com dificuldade*): Vamos a ver. Põe-os primeiro lá dentro, e depois veremos.

Senta-se na cama, deixa-o pôr os comprimidos no frasco, que agarra com ambas as mãos.

MAGGIE (*respira fundo*): Mentiroso.

QUENTIN (*dominando a sua própria condenação*): Tínhamos tido a primeira festa na nossa casa. Pessoas importantes, administradores, directores...

MAGGIE: E tiveste vergonha de mim. Agora não mintas! Ainda estás a armar em Deus! Foi isso que me matou, Quentin!

QUENTIN: Está bem. Eu não estava... envergonhado. Mas... receoso.

Pausa.

Não sabia se algum deles... te tinha possuído...

MAGGIE (*estupefacta*): Mas eu não conhecia nenhum deles! Nunca me deste oportunidade.

QUENTIN (*sem olhar para ela*): Juro-te, cheguei ao ponto de não poder imaginar do que tinha tido vergonha. Mas era tarde de mais. Tinha escrito aquilo, e era como todos os outros que te tinham atraído, e já não podia ser acreditado. E se calhar não o devia ser.

MAGGIE (*lamenta a vida perdida, com um misto de acusação*): Porque escreveste aquilo?

Soluça.

QUENTIN: Porque quando os convidados se foram embora, e tu te voltaste repentinamente para mim, berrando que eu te fizera sentir como se não existisses...

MAGGIE: Não me mistures com a Louise!

QUENTIN: É isso exactamente. O facto de levar duas mulheres tão diferentes à mesma acusação fechou um círculo para mim. E quis enfrentar a pior coisa que podia imaginar — que era capaz de amar. E escrevi-o, como uma carta... do Inferno. E esse o âmagio da questão.

Ela leva a mão à boca e ele dá um passo e agarrava-lhe o pulso.

Que mais queres?

Apodera-se dela uma calma estranha. Recolina-se na cama.

A hostilidade parece ter passado.

MAGGIE: Ama-me e faz o que te digo. Tira a duna de areia.

Ele anda dum lado para o outro, em agonia.

Não é assim tão caro. Quero ouvir o oceano quando nos amamos, e nunca o ouvimos.

QUENTIN (*a sua frustração aumenta*): Estamos quase falidos, Maggie; e essa duna impede que o telhado vá pelo ar.

MAGGIE: Depois compras um telhado novo. Tenho frio. Deita-te em cima de mim.

QUENTIN: Não posso voltar a fazê-lo enquanto estiveres assim...

MAGGIE: Só até eu adormecer!

QUENTIN (*cede*): Maggie, isto é uma farsa. Deixa-me alguma coisa.

MAGGIE: Só por humanidade! Tenho frio!

Dominando a repulsa, deita-se em cima dela, mas desvia a cabeça. Pausa.

Se não discutires mais comigo deixo-te ser outra vez o meu advogado. Tá bem? Ludwig não discute.

Ele fica calado.

E não estejas sempre a dizer que estamos falidos. E a duna de areia?

Vê-se-lhe na cara uma crescente agonia de desintegração.

P'roque gosto do som do oceano; como uma mãe imensa... ssh, ssh, ssh.

Ele põe-se de pé e olha-a de cima. Os olhos dela estão fechados.

Vais ser bonzinho?

Respira fundo.

QUENTIN (*procura cautelosamente tirar o frasco; ela agarra-o*): Já não é o meu amor que tu

queres. É o meu pecado, a minha destruição! Quero esses comprimidos. Não quero lutar contigo, Maggie. Vá, põe-os na minha mão.

Ela olha para ele; tenta engolir uma mancheia, mas ele atira alguns ao chão, embora ela engula muitos. Ele procura tirar o frasco, mas ela não cede, ele puxa, dá um safanão e arrasta-a para o chão, tentando abrir-lhe as mãos, enquanto ela gesticula e lhe bate na cara, com uma força doida. Ele agarra-lhe o pulso e torce-o com ambas as mãos.

Largue, sua puta! Não me hás-de matar!

Ela larga o frasco no momento em que, do ponto mais distante, a mãe acorre à «porta da casa de banho», gritando, com o barco à vela na mão.

MÃE: Querido, abre a porta! Não te enganei!

*Quentin salta, com as mãos levantadas no ar, e afasta-se de Maggie, que cai de costas no chão.
Mãe, continua sem parar:*

Quentin, porque tens aí a água a correr?

Horrorizada, afasta-se da «porta».

Mato-me se fazes isso! Vi uma estrela, quando tu nasceste — uma luz, uma luz no mundo.

Ele fica transfigurado, enquanto a mãe recua até às mãos dele, e ele começa a apertar-lhe o pescoço, e ela a sufocar. Horrorizado, larga-a, e ela cai no chão, com as mãos em prece, murmurando: «Vou morrer, vou morrer!»

QUENTIN: Assassínio?

Maggie procura levantar-se, ofegante. Ele apressa-se a ajudá-la. Ela gesticula contra ele, e, apoiada num cotovelo, olha para ele, numa caricatura de riso.

MAGGIE: Agora sabemos ambos. Quiseste matar-me, cavalheiro. Fui morta por uma data de gente, alguns mal sabiam escrever, mas é a mesma coisa, cavalheiro. Estás no fim duma longa bicha, Frank.

Como a desviar a acusação, ele tenta outra vez ajudá-la a levantar-se, mas ela salta em pânico pelo chão fora.

Afasta-te!... Não! Não, não, Frank. Não te atrevas.

Cuidadosamente, como enfrentando um animal selvagem, devorador:

Não te atrevas... chamo Quentin se te atreves.

Olha de soslaio e chama devagar, mas sem nunca o perder de vista.

Quentin! Quen...

Adormece, enroscada no chão. Tem uma respiração funda, estranha. Ele apressa-se para ela, volta-a de barriga para cima, começa a fazer-lhe respiração artificial e chama.

QUENTIN: Carrie? Carrie?

*Carrie entra.
Como se fosse um ultimo adeus.*

Depressa! Chama a ambulância! Não percas tempo!
Chama a ambulância!

Carrie sai. Ele olha para Maggie, falando ao Auditor.

Não, não, salve-a. Fomos a tempo. Ouvi dizer
que passou uns meses bem.

Esboça um sorriso, que se desvanece.

Olha, eu vou contar. Aliás é só o que vim dizer.
Barbúricos matam por asfixia. O sintoma é um
gênero de suspirar, o diágrama fica paralisado.
E eu estava ali na doca.

Olha para cima.

E todas aquelas estrelas, ainda tão nítidas, tão
afortunadas! E os seus preciosos segundos, a palpi-
tarem-me na mão, vivos como tordos; e eu ouvi.
Aquele respirar estranho, profundo, como os passos
da minha paz vindoura... e sabia que o desejava.
Como é possível? Eu amava aquela rapariga!

*Entram Lou, Micky, pai, Dan, Carrie e Felice por vários
pontos. Louise aparece.*

E o nome... sim, o nome... em nome de quem se
voltam as costas...?

Olha para a audiência.

Sem ser do próprio? Em nome de Quentin. Sem-
pre se voltam as costas no próprio nome ensanguen-
tado!

Holga aparece no plano mais alto.

HOLGA: Mas não houve inocente que eles não
matassem!

QUENTIN: E o amor, bastará o amor? Que amor,
que onda de piedade alcançará jamais esta noção —
eu sei como matar. Eu sei, eu sei... ela estava con-
denada, em qualquer caso, mas poderá isso curar?
Ou será possível...

*Volta-se para a torre, dirige-se para ela como para um
deus terrível.*

que isto não seja bizarro... para qualquer? Eu não
estou só, e não há homem no mundo que não pre-
ferisse ser o único sobrevivente deste sítio, a ser
das suas mais famosas vítimas! Qual é a cura? Quem
pode voltar a ser inocente nesta montanha de cavei-
ras? Digo-lhe o que sei! — os meus irmãos morre-
ram aqui...

Olha da torre para Maggie, prostrada.

mas os meus irmãos construíram este sítio; os nos-
sos corações talharam estas pedras! Qual será a
cura? Não, amor não; eu amei-os a todos, todos!

E entreguei-os de bom grado ao insucesso e à morte, para que eu pudesse viver, como eles o fizeram comigo, e o fizeram entre si, com uma palavra, um olhar, um estratagema, uma verdade, uma mentira... e tudo por amor!

HOLGA: Olá!

QUENTIN: E que a pode defender?

Grita para Holga:

Aquela mulher tem esperança!

Ela fica imperturbável, decidida, cônica da dor dele e da sua própria.

Ou será isso...

Impressionado — para o Auditor:

exactamente a razão de ela ter esperança, por saber? Que cidades a arder lhe ensinaram e a morte do amor me ensinou — que somos tão perigosos!

Olha fixamente, vendo a sua visão.

É isso, é por isso que acordo todas as manhãs como um garoto — ainda hoje, ainda hoje! Juro-te, podia voltar a amar o mundo!... Saber será tudo? Saber, até com felicidade, que nos encontramos sem bênção; não num jardim qualquer com frutos fingidos e árvores pintadas, essa mentira do Paraíso, mas depois... depois da Queda, depois de muitas, muitas mortes.

O saber é tudo? O desejo de matar nunca morre, mas com um sopro de coragem pode-se olhá-lo de frente, quando aparece, e com um golpe de amor — como a um idiota num asilo — perdoá-lo; sempre e sempre... eternamente...?

Nota-se que é interrompido pelo Auditor:

Não, não é certeza, não sinto isso. Mas parece viável... não ter medo. Talvez seja só o que temos. Vou-lhe dizer isso. Sim, ela percebe, ela sabe o que quero dizer.

Volta-se para o palco. Hesita; toda a sua gente está em frente. Dirige-se a Louise e pára, mas ela volta-lhe a cara. Continua e pára ao lado da mãe, que está de pé, com mágoa incompreendida; faz um gesto, como se lhe tocasse, e ela olha para ele, esboça um sorriso e ele sorri-lhe também. Pára junto do pai e do irmão, e com um gesto quase imperceptível fá-los erguer, como por encanto. Felice vai levantar a mão em bênção, ele aperta-lha, evitando o servilismo. Passa junto de Mickey e Lou e volta a Maggie; ela levanta-se do chão, emaranhada nos seus demônios, tentando acordar. E, com a sua vida a segui-lo, sobe direito a Holga, que ergue o braço ao vê-lo, e com grande amor...

HOLGA! Olá!

Ele pára a uns metros, dirige-se para ela e estende a mão.

QUENTIN: Olá!

Vai-se embora com ela, enquanto aumenta o sussurrar de toda a sua gente, que segue atrás, intensamente alerta. A escuridão envolve todos.

Osle Kunstfor romposle

e impresso para a

PORTUGALIA EDITORA

me Tip. do "Jornal do Funchal"

Rua Ant6nio Maria Pinto

FUNDAO

Janeiro de 1966